

PACO  EDITORIAL

Ulysses Rocha Filho  
Maria José dos Santos  
(Orgs.)

Prêmio  
Flor do Ipê

# Contos

Antologia 2016



**LetrasdoCerrado**  
EDITORA UNIVERSITÁRIA

Ulysses Rocha Filho  
Maria José dos Santos  
(Orgs.)

Prêmio  
Flor do Ipê

# Contos

Antologia 2016



Letras do Cerrado  
EDITORA UNIVERSITÁRIA

PACO  EDITORIAL

---

### Conselho Editorial

|   |  |
|---|--|
| Profa. Dra. Andrea Domingues            | Prof. Dr. José Rubens Lima Jardimino         |
| Prof. Dr. Antônio Carlos Giuliani       | Prof. Dr. Juan Droguett                      |
| Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi        | Profa. Dra. Ligia Vercelli                   |
| Profa. Dra. Benedita Cássia Sant'anna   | Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes                |
| Prof. Dr. Carlos Bauer                  | Prof. Dr. Marco Morel                        |
| Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha      | Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira        |
| Prof. Dr. Cristóvão Domingos de Almeida | Prof. Dr. Narciso Laranjeira Telles da Silva |
| Prof. Dr. Eraldo Leme Batista           | Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins     |
| Prof. Dr. Fábio Régio Bento             | Prof. Dr. Romualdo Dias                      |
| Prof. Dr. Gustavo H. Cepolini Ferreira  | Profa. Dra. Rosemary Dore                    |
| Prof. Dr. Humberto Pereira da Silva     | Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus              |
| Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa    | Profa. Dra. Thelma Lessa                     |
|   | Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt         |

---

©2022 Ulysses Rocha Filho; Maria José dos Santos

Direitos desta edição adquiridos pela Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

---

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C781

Contos e poemas: antologia 2016 / organização Ulysses Rocha Filho, Maria José dos Santos. - 1. ed. - Jundiaí [SP] : Paco, 2022.  
108 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-462-2197-4

1. Contos brasileiros. 2. Crônicas brasileiras. 3. Poesia brasileira. 4. Literatura brasileira. I. Rocha Filho, Ulysses. II. Santos, Maria José dos.

23-81970

CDD: 869

CDU: 821.134.3(81)

---

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

PACO  EDITORIAL

Av. Carlos Salles Block, 658  
Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Sala 21  
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100  
11 4521-6315 | 2449-0740  
contato@editorialpaco.com.br

Foi feito Depósito Legal

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO**

***Reitora***

Roselma Lucchese

***Vice-Reitor***

Cláudio Lopes Maia

***Coordenador da Editora Letras do Cerrado***

Bruno Gonçalves Borges

***Comissão Organizadora do 3º Concurso de Contos de Poemas  
Flor do Ipê - Antologia 2016***

Maria José dos Santos

Ulysses Rocha Filho

***Comissão Julgadora***

Ademilde Fonseca

João Batista Cardoso

Karine Rios de Oliveira Leite

Maria Imaculada Cavalcante

Sandra Maria Faiad Andre

Silvana Augusta Barbosa Carrijo

Ubirajara Galli



# Sumário

|                                |   |
|--------------------------------|---|
| <b>Apresentação</b>            | <b>7</b>                                  |
|                                | <i>Maria José dos Santos</i>              |
| <b>Prefácio</b>                | <b>11</b>                                 |
|                                | <i>João Batista Cardoso</i>               |
| <b>Contos</b>                  |   |
| <b>Não faz frio lá fora</b>    | <b>19</b>                                 |
|                                | <i>Milena Corrêa Pereira da Silva</i>     |
| <b>Cleptomania de Palavras</b> | <b>31</b>                                 |
|                                | <i>Raquel Figueiredo Ribeiro</i>          |
| <b>Cliente e vendedor</b>      | <b>35</b>                                 |
|                                | <i>Maíra de Oliveira Carvalho Batista</i> |
| <b>Uma mulher de fé</b>        | <b>39</b>                                 |
|                                | <i>Marcos Vinicius Soler Baldasi</i>      |
| <b>A Ferida</b>                | <b>49</b>                                 |
|                                | <i>Pedro Luiz Dias Galuchi</i>            |
| <b>A Festa</b>                 | <b>55</b>                                 |
|                                | <i>José Prata</i>                         |
| <b>Mil e uma noites...</b>     | <b>61</b>                                 |
|                                | <i>Regina Ruth Rincon Caires</i>          |
| <b>Naufrágio</b>               | <b>67</b>                                 |
|                                | <i>André Telucazu Kondo</i>               |
| <b>Sobre os autores</b>        | <b>71</b>                                 |



# Apresentação

Apresentar esta Antologia muito me orgulha. Reúne aqui textos, contos e poemas de interesse literário, nas categorias juvenil e adulto, selecionados pelo 2º Concurso Nacional de Contos e Poemas – *Prêmio Flor do Ipê*, promovido pela Editora Letras do Cerrado da Regional Catalão, da Universidade Federal de Goiás, em parceria com a Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da mesma Universidade.

A flor do Ipê, escolhida como símbolo deste Concurso, está presente em todas as regiões do Brasil e é considerada a Flor Nacional. O Ipê, árvore de madeira resistente, floresce em dias secos e cinzentos, no final do inverno e prenuncia a chegada da primavera, inundando a paisagem cinza de cores exuberantes. Propaga cor, beleza, vida e ... poesia.

Esperamos que esse Concurso seja como o ipê, resistente às “intempéries” das questões editoriais, possibilitando aos novos escritores o devido reconhecimento.

Com o objetivo de incentivar a escrita, esta segunda edição do Concurso (que nasceu em 2014 como concurso local) recebeu 373 inscrições de 20 estados brasileiros e de 3 países de língua portuguesa, sendo 187 contos e 186 poemas.

Os concursos literários, além de estimularem a escrita, promovem a cultura e criam um espaço para que jovens escritores possam divulgar seu trabalho. Muitos são os escritores que iniciaram sua carreira literária em concursos literários e ganharam notoriedade nacional e internacional.

Não importa a abrangência do concurso: local, regional, nacional ou internacional, a participação traz ao jovem escritor a oportunidade de divulgar seus escritos e compartilhar com o leitor, suas emoções, suas fantasias e seu modo de interpretar o cotidiano. Incentiva ao aprimoramento da escrita e encoraja para



a participação em outros concursos. A premiação, quer seja primeiro, segundo ou terceiro lugar, fomenta a prática sistemática da escrita e representa um reconhecimento da qualidade do trabalho. A publicação em uma Antologia representa a oportunidade de ser, a obra literária, reconhecida e amplamente divulgada.

Esta Antologia reúne 8 contos e 12 poemas, de jovens escritores, mas também de escritores experientes, alguns deles com considerável produção literária, o que demonstra que o interesse pelos concursos atinge novatos e experientes escritores e endossa o reconhecimento da seriedade deste Concurso.

Abrem esta Antologia os contos juvenis: **Não faz frio lá fora**, da jovem escritora Milena Corrêa Pereira da Silva. Uma triste noite de Natal que se transforma em um encontro emocionante, ensina a reflexão sobre “natais”, muitas vezes desconhecidos. No segundo conto, **Cleptomania de Palavras**, Raquel Figueiredo Ribeiro conclui sobre o fascínio pelas palavras como forma de redenção. Máira de Oliveira Carvalho Batista, autora do terceiro conto, **Cliente e vendedor**, retrata uma sociedade baseada no consumo desnecessário e muitas vezes agressivo. **Uma mulher de fé**, de Marcos Vinícius Soler Baldasi, narra a história de dissabores de uma família que consegue manter-se unida pela força, coragem e fé.

Na sequência, abre a categoria contos adulto, **A ferida**.

Nele, Pedro Luiz Dias Galuchi, nos leva a refletir sobre o desespero que pode acometer o homem pela amputação do corpo e da alma. No segundo conto, **A festa**, José Prata retrata os questionamentos de um jovem adolescente diante das possibilidades de relacionamentos. Em **Mil e uma noites ...** de autoria de Regina Ruth Rincon Caires, a narração retrata noites mil de dramas familiares e (des)esperanças trágicas. Refletindo sobre amor e vaidade, o conto **Naufrágio**, de André Telucazu Kondo, finaliza a seção de contos.

Na segunda seção desta Antologia ou, se invertida, ainda a primeira seção, estão os poemas na categoria juvenil, seguidos pela categoria adulto.

Em **Nota, anota o que tem**, Nínive Elisabete Ferreira dos Santos, em sua juventude, observa de modo acurado que, na vida, há de tudo um pouco e um pouco de tudo. Com rima fácil e pueril, a jovem Maíra de Oliveira Carvalho Batista, autora do poema **Ano-novo**, experimenta o prazer da escrita despreziosa. Gabriela Helena de Oliveira Borges, em **A grandeza pequenez**, mostra-nos a turbulência da adolescência e reflete a busca pelo autoconhecimento.

Abrindo a categoria poema adulto, André Telucazu Kondo nos presenteia com **A falta de um poema**: a dor de não poder escrever o poema pedido. De um encantamento a outro, Olhos de mar, mirantes de lugar, questionáveis a sondar ... é poesia que Edih Longo nos apresenta no poema **Aves migrantes da mãe África**. Poesia e movimento estão presentes em **Chaminés** de Alexandre Morais Paulino. Bela reflexão nos possibilita o poema **Destino**, de Roque Aloísio Weschenfelder: oásis, deserto ou buraco negro? Assim como, em poucos versos – **Calcanhares** –

Eliana Ruiz Jimenez poetiza a caminhada da vida e dos sonhos. Abatimento e desânimo é o tema abordado no poema **Melancolia crônica**, de Dora Oliveira. Em seguida, nos vemos diante de poucos, mas profundos versos no poema **O vis da visão**, de Pedro Henrique Corrêa Guimarães. A mitologia, simbolismo e devaneios estão presentes no poema **Fé**, de Lena Payaras. Por fim, em **Vento de primavera**, Milton Carlos de Oliveira Rezer se despede poeticamente de um amor e encerra esta Antologia.

Esperamos que esta coletânea – Antologia 2016 – possa incentivar os escritores, principiantes, os experientes, aqui agraciados com esta publicação e tantos outros anônimos, à prática da escrita e ao deleite da leitura.

Boa leitura a todos!

*Maria José dos Santos*



## Prefácio

Esta obra é um testemunho vivo de que a literatura é, ao mesmo tempo, um meio, um modo e uma ação. Como meio, serve de suporte aos diversos autores para a manifestação de uma visão de mundo; como modo, se torna uma maneira com que as diversas subjetividades exponham sua visão de mundo e sua reação ao mundo; como ação, serve de porto para a ancoragem da sensibilidade e do provimento de relações sadias e maduras. Isso pode ser visto e expresso no fato de que, a despeito de haver vários autores, o estilo se repete, a linguagem chega a ser quase a mesma, porque todos estão inseridos no mesmo espírito que caracteriza como contemporânea certa vertente estética. Assim, os diversos autores se sucedem como se fossem apenas uma voz literária diluída, no entanto, em diferentes nomes.

Um aspecto que chama atenção nessa coletânea de textos é sua função como elemento ou instrumento para o amadurecimento do senso crítico que pode ser percebido no modo maduro com que o mundo é descrito e tornado elemento estético, mas não o grande e infinito mundo das latitudes e longitudes e sim o mundo imediato das praias, dos seixos, do vento e das flores. O mundo, enfim, da arte ou que a esta interessa. Cada autor, atuando como uma só entidade menos difusa do que uma série de heterônimos e tão similar quanto vários pseudônimos do mesmo indivíduo; enfim, cada autor dá ao processo de recepção um modo particular de apreensão do momento histórico e das determinações culturais e sociais, reunindo tudo numa só etiqueta pós-moderna. Nesse sentido, emprega a literatura, em sua condição de atualização e recuperação da vida como ela se dá nas pequenas coisas, para proporcionar uma

maneira particular e mais humana de ver e colocar em evidência os elementos de seu momento histórico particular e imediato.

Apesar da ênfase sobre as pequenas coisas transformadas em grandes marcos estéticos, deve ficar claro que os elementos que juntos constituem aqueles aspectos que compõem as grandes historiografias; isto é, as nuances em seus diversos tons do momento histórico dos dias que transcorrem aparecem “dissolvidos”, nesta obra como um só discurso em que os elementos da historiografia se inserem após superado o vazio de suas conclusões, sempre parciais, porque feitas para um tipo particular de Estado. Neste caso particular, não há parcialidade porque nada mais é tão autêntico do que as verdades preparadas para o homem. E são essas verdades feitas para servir de travesseiro para o pensamento que divaga em noites de insônia ou de ancoradouro para os momentos de reflexão que aparecem gravados em cada conto e em cada poema.

Aliás, cada sequência textual reunida sob o rótulo de conto ou de poema não tem valor meramente por ser a história de um evento possível, seu valor deriva de sua condição de levar o pensamento a vagar pelo universo circundante e dele extrair uma noção de universo. Sim, o mundo particular se torna, de chofre, o mundo maior da vida.

A coletânea de textos ora colocados em evidência nesta obra demonstra o tipo de sociedade e as perspectivas encontradas pelos vários autores, que devem ser vistos como uma só individualidade recuperada por meio das várias visões tornadas uma só, porque preparadas para o mesmo e único momento e campo histórico; para o mesmo e único homem que repete em suas pretensões os desejos que unem a todos em torno do mesmo objeto: a busca da liberdade encontrada finalmente nas possibilidades concedidas a um lápis movendo-se quase com vida própria sobre o papel.

Não podemos empregar as postulações acima para desqualificar as obras que resultam da lavra de um só autor. A diferença que se coloca em evidência remete ao fato de que as obras produzidas

a partir da soma de diversas lavras apresentarem tantas quantas são as visões de mundo das subjetividades empregadas na sua composição. Desta forma, uma só e mesma lavra proporcionaria ao processo de recepção uma visão limitada a um só autor. As várias lavras têm o condão de multiplicar as individualidades por várias que, no limite, voltam a ser apenas uma.

Como se trata, no caso presente, de uma obra feita a partir da soma de várias subjetividades podemos afiançar que, aqui, estamos em face de várias visões que redundam em uma só, pois se o trabalho literário é a recuperação, no âmbito da estética daquilo que a historiografia apresenta em sua explanação sobre os eventos que mapeiam historicamente seu momento imediato, temos aqui um mapa que não apenas mapeia, mas que, a despeito disso, estabelece um mapa com vários caminhos, várias estradas, várias maneiras de se atingir distintos espaços que, neste caso, não são espaços geográficos ou geopolíticos, mas espaços que servem de morada das sensibilidades.

Na historiografia só têm valor os grandes feitos, as grandes jornadas, as passadas ginásticas como evidenciado, com senso crítico questionável, uma vanguarda do século XIX. Na literatura, as grandes passadas e os grandes feitos se dão a partir de pontes difíceis de explicar, quando se tem em mente travessias sobre grãos de tomate ou, como afirma o escritor bíblico em sua simplicidade narrativa, sobre grãos de mostarda empregados para medir a fé dos incautos.

É isso mesmo, a literatura cria grandes pontes e caminhos tortuosos ou retos, à mercê sempre do que acreditam os leitores, sobre pequenos seixos empilhados ou perfilados para guardar em sua lembrança feita de marcas ou sinais a passagem do homem sobre eles. Isso se dá porque o que importa, na literatura, é o homem e seus sentimentos, suas dúvidas, seus medos, o receio que os coloca em face de um amanhã sempre incerto. É por isso que a literatura tem entre suas funções mais nobres a possibilidade de se fazer catar-se a partir da dor do outro transfigurado na dor do próprio leitor.

Fôssemos decidir quanto ao evento que ganha destaque nesta obra encontraríamos a celebração da vida com suas cores, sabores, desejos e sonhos. Basta isso, para indicar que a obra em tela fomenta mais que o grande evento, o grande acontecimento, o maior de todos os acontecimentos que podem marcar a existência, pois nada supera a vida e é esta que aparece representada em cada página. Desde o primeiro conto, desde o primeiro poema podemos perceber essa celebração por meio da exposição de experiências pessoais com o mundo retratadas em linguagem às vezes ligeira para atender ao ritmo da vida jovem, às vezes mais lenta para contemplar uma viagem que não se finaliza.

Ao ler os textos que compõem esta coletânea, com o propósito de escrever este prefácio e para ter eu mesmo uma experiência estética ímpar, notei que alguns deles deixam um mundo todo para o leitor preencher com sua própria visão de mundo e suas próprias experiências. Estes são os textos que exigem mais do leitor, mas ao lado desses há textos que trazem todos os seus significados já preenchidos e preparados, bastando ao leitor a tal experiência estética.

Nos textos há sinais de inúmeras leituras. Há alguns que têm uma clara formatação romântica ou mesmo barroca, pois as imagens do mundo aparecem desenhadas como se inscritas no meio de antíteses que marcaram tanto os românticos quanto aqueles que se dedicaram a uma visão traspassada pelo viés barroco. Na outra ponta vi textos que, indubitavelmente, apresentam uma ênfase realista que se descamba para a pós-modernidade pela multiplicidade de temas e formas que compõem sua produção. Entretanto, é a lírica que faz a costura que une em uma só peça todos os textos, como se, indistintamente, prestassem culto ao mesmo Deus: o Deus da poesia que só aparece quando a sensibilidade deixa-se aflorar mesmo ameaçada pela razão.

Mas o que conta em obras desse naipe não é sua ênfase voltada para essa ou aquela vertente estética e sim o modo como o

mundo mais remoto e a realidade imediata adentram os limites de cada texto, pois eles denunciam a visão que prevalece no seu momento histórico imediato.

Aqui temos a praia, a palmeira seca em cuja raiz exposta os amantes escondem a chave da casa para se encontrarem e passarem horas calados pensando na vida; temos a vida debruçada sobre o espaço vazio da cerca velha que não resistiu ao tempo. Temos de tudo, porque temos a vida e seu rastilho de experiências que só são grandes porque remetem ao dia a dia, e o que é a vida senão o acúmulo de experiências com que um certo eu constrói seu universo cotidiano? E quanto à morte, será que ela também não aparece na obra? Sim, ela aí está e se deixa representar pelos sinais do tempo passado e do tempo que vai passando. Será que sua presença na obra é um elemento desqualificador do livro? Não, ao contrário, a morte é o espetáculo mais fulgurante da vida, pois no caso desta temos uma parte da experiência que se somará às outras experiências que ainda virão. No caso da morte o rastilho que deixa atrás de si representado numa frase feita mais para consolar os vivos do que para marcar, de fato, aquele que se foi é a vida toda, neste caso, se pudermos inserir a vida num grande conjunto que possa abarcá-la, encontraríamos a morte como produtora desse grande conjunto. É por isso que não podemos retirá-la dos contos e poemas em que ela aparece. Sim. Eis uma obra que consegue transformar as pequenas coisas em grandes eventos e acontecimentos gigantescos. Essa metamorfose só foi possível porque os textos não se vinculam de modo claro a uma estética que prenderia a imaginação dos autores em torno de objeto único e visão de mundo também uniforme. Na verdade a metamorfose só foi possível porque os autores trabalharam em torno do desenrolar de pequenos eventos responsáveis pela montagem da vida.

*João Batista Cardoso*





*Contos*



# *Não faz frio lá fora*

*Milena Corrêa Pereira da Silva*

Era noite de Natal, 24 de dezembro. Não, a neve não caía lá fora. Não, eu não ouvia gargalhadas divertidas na sala de estar. Não, não havia presente algum debaixo da árvore, nem sequer existia uma árvore. Eu estava cercada por pessoas bêbadas e deploráveis, que pareciam não se importar pela comida ter acabado antes mesmo da festa começar. Era mais interessante encher a cara e rir da vida dos outros, é claro. A janela era minha melhor companhia no momento, enquanto eu suportava o cheiro horrível de vinho barato que emanava da minha taça e olhava para as luzinhas tristes presas à janela.

— Pare de ser tão estraga prazeres, Bruna, sua cara está estragando a festa. — ouço a voz da pessoa responsável pela minha cara arruinadora de festas e me viro para ela. Sua gravata borboleta havia sumido.

— A festa já estava estragada antes de eu chegar, ela não precisa de minha ajuda.

— Escuta, eu poderia ter deixado você em casa sozinha como sempre. — Comecei a fitá-lo da cabeça aos pés, ignorando o sermão que cheirava a cerveja. O cabelo despenteado, a camisa azul amassada e os botões milagrosamente presos por um fio de linha fizeram com que eu me perguntasse em que tipo de lugar duvidoso eu estava. — Você está me escutando?

— Não, não estou.

— Sabe, você poderia ser um pouco mais grata pelo que você tem.

— Festas com gente seminua jogada no chão não são muito meu estilo, obrigada.

— Você já foi mais divertida.

A conversa foi encerrada e eu observei meu melhor amigo promíscuo se afastar, voltando para seus afazeres. Há alguns anos eu poderia achar aquilo um absurdo, me achar um absurdo, mas a vida tem reviravoltas tão agressivas que minhas crenças haviam sido perdidas no tempo. Quem liga se é Natal? É só mais uma desculpa para os produtos ficarem mais caros, a população se endividar e a única data do ano que desperta algum sentimento de compaixão na elite. O dia 24 de dezembro não era feito para pessoas órfãs como eu. Na verdade, ele fazia questão de esfregar na minha cara as propagandas impecáveis que mostravam ceias fartas e uma família gigante e feliz, esperando pelo Papai Noel da Coca-Cola. Ninguém se importava se o tio alcoólatra do “é pavê ou pá cumê” agredia a esposa quando estavam sozinhos. Ninguém se importava se o filho mais velho do casal bem-sucedido sofria de dislexia. Ninguém se importava se o casal perfeito, que estava junto desde a época de escola, que se amavam incondicionalmente e eram pais corujas de uma bebê gordinha e saudável, tinham sofrido um acidente fatal de carro na noite que antecedia o Natal. Não havia espaço para tristeza à mesa. Eu era a única que ligava, pois era a única que sabia.

Em oito anos, meus natais se resumiram a dois maços de cigarro e uma garrafa de bebida alcóolica decente, cortesia do tio. Meu melhor amigo promíscuo, mais conhecido como Lucas, costumava esperar os donos da casa saírem apressados e famintos, para depois cavar a terra seca da palmeira morta que ficava ao lado da porta em busca da chave reserva. Não sei como nunca nos flagraram ou porque aquele raio de palmeira morta ainda estava decorado. Nós dois ficávamos sozinhos no meu quarto minúsculo, jogados lado a lado no chão enquanto fumávamos com a janela aberta, pensando o quão maravilhoso seria quando eu atingisse a maioria e tivesse meu próprio apartamento no Rio de Janeiro. Agora, com 23 anos, eu posso me arrepender amargamente de ter criado expectativas e de ter mudado minha tradição natalina.

Sinto um peso morto bater em minhas canelas e atrapalhar meus devaneios, mas como já sabia que era mais uma vítima do álcool, afastei-me da minha companheira e fui me sentar no sofá, provavelmente o único lugar inabitado da casa. Uau, eu dirigi quase duas horas num trânsito infernal de Ipanema até Niterói, com a promessa de uma festa que supostamente me faria sorrir e acabei me deparando com isso. Com essa grande e bela bosta. O apartamento era uma droga. As paredes cor de gema de ovo não combinavam nada com o sofá bordô velho e rasgado que combinava com duas poltronas gordas colocadas aleatoriamente na sala gigante e praticamente sem mobília alguma. Eu me sentia no McDonalds versão pesadelo. A única coisa que prestava era a vista majestosa da praia vazia e as luzes da cidade ao longe, sem grades atrapalhando.

Ah, a praia. Papai costumava levar mamãe e eu para a praia de Copacabana quando a crise de bronquite o perturbava. Era como um encontro para minha mãe, uma terapia para meu pai e a diversão perfeita para mim. Sentávamos bem próximos ao mar, para que eu pudesse mergulhar meus pezinhos na água fria e exibir meu maiô vermelho com flores coloridas nas alças para as outras crianças. Depois, construía um castelo de areia com a ajuda de meu fiel baldinho e o cercava com um caminho de água, para afastar os invasores. Eu me sentia como uma verdadeira princesa e isso só era possível porque meus pais eram tão nobres quanto um rei e uma rainha.

Morar em frente ao calçadão de Copacabana era o maior, se não único, desejo de mamãe. Ela não gostava da confusão que era morar perto de uma universidade, as choppadas barulhentas todos os finais de semana e a multidão de calouros pedindo dinheiro a cada cinco metros. Além disso, todo dia poderia ser um encontro romântico, principalmente se tivéssemos uma varanda.

Uma lágrima solitária desliza por meu rosto e sou obrigada a parar com a sessão nostalgia. Eu estava no mundo real. Nada de praia, nada de maiô vermelho, nada de mãe e nada de pai. Eu tinha uma

vista de praia, um batom vermelho nos lábios, um melhor amigo bêbado e uma estranha desmaiada perto de mim. Por algum motivo, o convite de Lucas parecia tentador algumas semanas atrás, mas pode ter sido porque eu tinha acabado de passar por um término de relacionamento e estava carente. *Vou dar uma volta, não aguento mais este lugar*, penso. Tomo coragem para explorar a casa, talvez meu ato mais ousado da noite, à procura de Lucas. Logo no corredor que ligava a sala principal à saleta eu pude sentir um forte odor de maconha, junto com aquela névoa estranha. Comecei a me irritar.

— Lucas! Lucas Carvalho! — gritei igual a uma louca entre os convidados, chutando quem aparecia jogado pela frente. Não demorou muito para ele aparecer irritado.

— Quer um megafone da próxima vez? Quem sabe você não poupa a vida desses miseráveis? — ele olhou para as pessoas que se contorciam de dor devido aos meus pontapés. — O que você quer?

— Vou sair para dar uma volta na praia. Volto antes do horário que combinamos.

— Se você quer Tome cuidado.

Eu sabia que seu tom de preocupação era falso. Os olhos azuis que na adolescência eu invejava estavam vermelhos e isso só me motivou ainda mais a sair dali o mais rápido possível. Dei mais pontapés para chegar até a porta e pegar o elevador com pressa.

Quando saí do prédio... Não. Ainda não tinha neve, nem pessoas de agasalho ou árvores peladas. Eu era o único sinal de vida por ali, bem fresca com meu vestido de festa extravagante e dourado. Cada vez que eu olhava para as luzinhas enfeitando os prédios eu me sentia parte da decoração. Mas afinal, que raio de luzes são essas?! As ruas são tão claras que não faz droga de diferença nenhuma colocarem dezenas de pisca-pisca. Nós não estamos nos Estados Unidos ou Europa, não temos um fim de ano bonito e mágico como o da Disney. Sinto que fui iludida por todos esses anos com a música “White Christmas”. Droga, Michael, seu cover me atraiu

para uma fantasia. Se estivesse frio aqui fora, mesmo que por um momento, seria como sonhar acordada, imaginando luvas e cachecóis combinando, xícaras de chocolate quente e minha mãe apontando para os flocos de neve, dizendo que cada um era único, pois nenhum padrão era repetido. E eu iria sorrir porque estaria vendo a neve pela primeira vez. Iria sorrir porque logo em seguida ela me compararia a um floco de neve. Mas não estava frio aqui fora.

O calçadão vazio se encontrava do outro lado da rua, convidando ao barulho de ondas fortes que eu tanto apreciava. Ousei correr pela rua deserta fora da faixa de pedestres, quase prendendo o salto fino entre as pedras da calçada e caindo de cara no chão. *Pare de agir como se estivesse fazendo algo ilegal*, me repreendo mentalmente. E não é que eu parecia muito mais suspeita depois de pensar assim? Imagine uma mulher sozinha, usando um vestido mais justo do que os pulmões são feitos para aguentar, coberta de purpurina dourada, com um salto quinze brilhante e batom vermelho? No mínimo, eu era a Mamãe Noel de um estuprador.

“Tudo bem, nada de pânico, vamos andar um pouco pela areia da praia”. Tirei meus sapatos apressadamente, segurando-os com a mão direita e pulei da calçada para a areia, como fazia quando era criança. Ah, estava fresca e úmida. Agitei meus dedos naquele solo delicioso e nostálgico e me pus a andar sem rumo, procurando meu Natal. O cheiro de maresia me lembrava não só que meu cabelo iria se armar mais do que bandido, mas todos os momentos felizes que eu vivi estavam marcados por aquele cheiro. Quando nova, sempre dizia que me tornaria surfista profissional, para estar sempre perto do meu ambiente preferido. Hoje trabalho na secretaria de uma empresa de agentes esportivos. Não são lá áreas muito parecidas.

Quis esquecer tudo. As pessoas bêbadas, as luzinhas tristes, o calor desagradável, a morte dos meus pais. Quanto tempo eu não via uma praia? Quanto tempo eu não *queria* ver uma praia? Eu mesma havia transformado meu lugar preferido em um cemitério



de memórias, e agora eu tinha a chance de mudar isso. Pela primeira vez, eu poderia ser mais forte que as malditas propagandas e essa ideia me encheu de determinação. Então eu caí de cara no chão.

— O que...? — olhei para os lados, sem entender nada, me sentindo a própria Anastasia Steele por ter caído do nada. Foi aí que senti algo estranho em meus pés.

Muito bem, eu não tinha tropeçado sozinha. Eu bati numa... caixa de presente? Há? Não sei bem se faz mais sentido agora. Por que tinha uma caixa de presente enterrada na areia? Eu não tinha visto ninguém que pudesse ter colocado aquilo ali. Comecei a pensar se não era uma armadilha e saí correndo... até bater em outra caixa.

Outra caixa. Começo a duvidar que seja alguma emboscada de um estuprador e olho em volta, cuidadosamente. Eram diversas caixas. Todas enterradas, apenas com a pontinha para fora. Não podia mesmo ser algo ruim, mas era, no mínimo, estranho. Eu ainda não via ninguém por perto, mas quem quer que fosse, com certeza não espalharia presentes numa pequena área, teria que ser impactante. Quando dei por mim, já havia me metido numa caça ao tesouro. Olhava para todos os cantos e seguia a trilha de presentes.

Não faço ideia de quantos minutos gastei nessa procura, mas, de repente, a última coisa que eu esperava aparece. Uma sacola vermelha gigante. *Pronto, pensei, agora vem o Papai Noel com o objetivo de me dar uma lição de moral, dizendo que preciso ter espírito natalino.* Eu já estava pronta para recusar as boas intenções do bom velhinho enquanto me aproximava, até ele virar para mim. E, uau! Ele era bom, muito bom, e nem um pouco velhinho. Encarei-o descaradamente surpresa, encantada pelo bom físico do entregador de presentes. Os cabelos castanhos despenteados me davam uma dica de que ele estava empenhado naquilo fazia algum tempo, o que só o deixou ainda mais atraente e me deixou mais surpresa ainda. Ele sorriu. Quase caí de cara no chão de novo.

— Você estava me seguindo? — Papai Noel Jovem perguntou, deixando a sacola cair para limpar as mãos cheias de areia.

— Eu tropecei numa das caixas e fiquei curiosa. Você me viu?

— Desde a hora em que você tropeçou. — ele riu. Revirei os olhos envergonhada com a situação, mas quando cheguei mais perto, pude notar os furinhos em suas bochechas. Chorei por dentro.

— Por que se escondeu de mim então?

— Eu não me escondi. Eu estava colocando alguns presentes perto das palmeiras, você não deve ter percebido.

Antes de responder alguma coisa que denunciasse minha atração, dei uma última averiguada de corpo inteiro, procurando por algum defeito que me controlasse. Acabei encontrando um pequeno pingente de crucifixo exibido em seu peito, mas eu não chamaria isso de defeito.

— Isso faz parte de algum projeto de igreja? — arrisquei, sem saber para onde olhar. O Papai Noel jovem era tão simpático que eu não sabia como agir.

— Ah, não. Eu mesmo tomei a iniciativa esse ano. Normalmente as pessoas fazem uma caça aos ovos na Páscoa, então por que não fazer algo no Natal?

— Pra você o Natal só se resume em presentes?

— Claro que não, mas meu objetivo é alcançar as pessoas carentes. As crianças não costumam ganhar nada, nem em seus aniversários. É normal que, nessa época, elas se sintam desprivilegiadas por não poderem pedir nada ao Papai Noel como as crianças que têm condições. Isso é injusto. Deus ama a todas elas igualmente, e a minha forma de alcançá-las com essa ideia foi por meio de presentes.

— Como você pode ter certeza de que Deus as ama igualmente? Se amasse, elas não teriam as mesmas oportunidades? — indaguei curiosa, cruzando os braços como sempre fazia quando iria começar uma discussão. Ele não pareceu se abalar.

— Não podemos colocar a culpa n'Ele por algo que nós fizemos. Preconceito, racismo, concentração de renda, essas coisas foram feitas pelo homem. Acredito que Ele só irá interferir nisso quando houver um arrependimento de verdade.

— E você tem certeza de que só crianças carentes vão pegar os presentes? — tentei mudar de assunto. Não queria deixar transparecer que eu havia ficado sem resposta. Eu já escutara sobre Deus antes, mas continuava sendo muito fantasioso para mim.

— Não, não tenho. Mas normalmente elas frequentam a praia de madrugada ou de manhã bem cedo. Tenho medo de que briguem com elas se estiverem correndo por aí nos horários de pico.

— Parece que você planejou tudo direitinho.

— É, eu planejei sim. — ele sorriu tão encantadoramente, com o rosto rosado pelo esforço, orgulhoso por seu trabalho. — Pode me chamar de Leo, aliás.

— Sou Bruna.

— Bruna...veio de uma festa?

— Ah. Sim...mas estava horrível. — por algum motivo, o fato da minha roupa deixar extremamente óbvio que eu não estava numa festa de família começou a me incomodar. Não sabia onde enfiar minha cara.

— Imagino, pra você ter vindo caminhar sozinha na noite de Natal. Mas olha, se não estivesse horrível, nunca teríamos nos conhecido. Isso teria sido ruim, não?

Fui obrigada a concordar. Eu não esperava encontrar alguém tão simpático, positivo e caridoso em um momento tão doloroso para mim. Ele nem sequer perguntou sobre os meus pais, mas eu não sabia se era por respeito ou se por falta de interesse. De qualquer forma, Papai Noel Jovem, que agora se chamava Leo, se tornava mais encantador a cada instante. E nós éramos opostos. Ele acreditava em algo, eu era rebelde. Eu sou introspectiva e ele se animava por qualquer coisa. Eu consigo fazer uma lista de todas as coisas que temos de diferente, mas demoraria algumas horas para terminar.

Mal começamos a conversar, Leo me convidou para sentar num dos bancos do calçadão. Deixamos a sacola na areia para marcar o lugar que ele deveria continuar e ficamos ali, por não

sei quanto tempo. Mas, ah, era tão gostoso...me sentir querida de novo, receber uma atenção especial perto da areia e do mar.

Com certeza foi meu presente de Natal aquele ano.

Leo começou a me explicar sobre a religião dele. Sempre tive a certeza de que religião não se discute, mas a alegria com a qual ele contava as coisas era tão cativante que tive a sensação de meu coração ter descongelado um pouquinho. Achei adorável a maneira que ele gesticulava enquanto falava, sempre me olhando para se certificar de que eu estava ouvindo. Quando confirmava, ele sorria satisfeito e continuava na mesma alegria. Eu estava vul-nerável a um estranho, mas isso não parecia errado de maneira alguma. Então eu perguntei:

— O que mais te atrai nesse seu Deus?

— Tudo. — sem nenhuma hesitação.

— Como assim, “tudo”?

— Ele é tudo pra mim. É a coragem quando eu tenho medo, é meu juízo quando estou em dúvida, é meu melhor amigo quando eu preciso desabafar...é um pai que cuida de mim quando não sei o que fazer.

Fiquei sem resposta. Percebi que a ênfase na palavra “pai” foi mais forte do que o necessário, mas eu não queria argumentar sobre isso. Poderia ter sido para ofender ou para causar um impacto positivo. Não era o momento para uma discussão como essa. Olhei no relógio gigante que estava próximo para me distrair. Eram 02:07 e eu precisava estar de volta até 02:30.

— Bom, eu...acho que já vou indo. Preciso voltar pra Ipanema ainda hoje. — disse me levantando rapidamente, batendo as mãos no vestido para limpar a areia.

— Uau, Ipanema. Quase uma estrangeira. — ele riu novamente e eu senti minhas pernas fraquejarem. — Aonde é a festa?

Eu te levo até lá.

— Não precisa, Leo, de verdade. Eu vim até aqui sozinha.

— O prazer é meu. Posso passar mais tempo com você. Pronto. Eu estava vermelha dos pés à cabeça.

— Vou só pegar minha sacola para não correr o risco de estragar a surpresa.

Enquanto esperava, entrei num dilema de calçar ou não calçar os sapatos. Sim, mulher tem dessas. Eu não sabia se esperava alguma despedida romântica e precisava dos saltos para ficar mais ou menos no nível dele ou se tentava ser mais discreta e ficava descalça. Droga, em todos esses anos de badaladas sociais eu nunca passei por um problema assim, sempre tive muita atitude, mas dessa vez eu estava...nervosa. Léo me deixava nervosa. A situação me deixava mais nervosa ainda, porque eu passei de um estado depressivo a um romance literário em minutos! Porém, por mais clichê que pareça, ele foi o único que me fez esquecer de algo que me assombrava por oito anos: o luto.

Talvez pelo seu sorriso radiante, pela sua risada melodiosa, pelo seu brilho no olhar que me fazia sentir única naquele momento, ou até mesmo quando ele disse que queria casar e ter três filhos. Havia algo nele que ninguém nunca conseguiu me dar em todos esses anos como órfã, mas eu não conseguia descobrir ainda o que era.

— Vamos? — Léo se aproximou com a sacola jogada nos ombros e logo se pôs a andar ao meu lado. Ficamos em silêncio por algum tempo.

— Você poderia ir me visitar algum dia. — não sei de onde veio isso, só sei que por algum motivo, essa frase saiu da minha boca.

— Eu adoraria. Quem sabe eu não vá espalhar presentes por Ipanema também?

— Eu posso te ajudar. — isso, Bruna, não quer pedi-lo em casamento logo, não?

— Seria muito bom ter você como ajudante. — repassei a frase duzentas vezes em minha mente. Ele não disse “ter uma ajudante como você”.

— Está combinado então.

— Sim, está.

No restante do trajeto eu estava tão nas nuvens que nem me lembro sobre o que falamos. Algo sobre livros, peso de papel, coisas assim. A conversa estava ótima, até pararmos em frente ao prédio em que ocorria a festa duvidosa. Acabei me decepcionando e ele notou. Não disse nada. Só se aproximou.

Mais. Mais. Mais. E mais.

Tive vergonha de que ele sentisse meu hálito de bebida alcóolica, mas isso pareceu incomodá-lo tanto que no segundo seguinte seus lábios estavam sobre os meus. Um. Dois. Dois segundos de perfeito êxtase, algo que eu nem sabia que poderia se fazer presente num simples beijo. Lembrei-me de um trecho de uma música, “*your lips on my lips, that’s a merry, merry Christmas*”. E, sem perceber, eu sorri.

— Ah, agora sim. — Léo abriu um sorriso largo, rindo baixinho e um pouco nervoso, me deixando confusa.

— O que foi?

— Você sorriu. Tudo valeu a pena. Seu sorriso é único. Bam. Me transformei num tomate.

— Idiota... — foi o que eu pude responder.

— É melhor você entrar agora, está fresco. — brincou, fingindo secar o suor da testa com as costas da mão. — Mas, antes de você ir... — ele fuçou a sacola inteira antes de puxar uma caixa vermelha bem menor do que as outras, enfeitada com um laçarote branco. — ...isso é pra você. Não abra até eu voltar para a praia, ok?

Ele não me deu tempo para responder, simplesmente saiu correndo, rindo e saltitando pelas ruas, até chegar ao seu destino. Eu estava tão boba quanto ele, pois não parava de sorrir. É como se eu tivesse aprendido algo de novo, mas que agora seria para sempre.

Olhei para a pequena caixa em minhas mãos, com o coração acelerado em ansiedade. Será que alguma criança sentiria falta? Talvez eu devesse devolver. Não, Bruna, abra a caixa. E se estiver errado? Abre. Não abre. Abre. Não abre. Abre. Não abre. Abri. Dentro da caixa havia um pequeno...

...flocos de neve.

Brilhante, frágil como uma joia rara, junto com uma corrente prateada. Eu não sabia muito bem o que esperar dali pra frente, mas de uma coisa eu sabia: Leo não queria ser esquecido. E eu não queria esquecê-lo. Tínhamos feito uma promessa de nos encontrarmos de novo. Eu só queria que não fosse necessário esperar outra data festiva para que isso acontecesse.

Com esses pensamentos, acabei batizando meu pingente com uma lágrima. Uma lágrima de alegria. Meu Natal havia ganhado um novo significado e agora era como um floco de neve: único. Adiei o máximo possível para voltar à festa, admirando meu primeiro presente por longos minutos. E eu posso jurar, que durante esses minutos extremamente prazerosos, eu senti frio lá fora.

# *Cleptomania de Palavras*

*Raquel Figueiredo Ribeiro*

Era uma vez, ou melhor, várias vezes, em que, na cidade industrializada, uma menina cleptomaniaca passeava com seus dedos esguios e finos pelas prateleiras daquelas diversas lojas.

De origem humilde, e quando digo humilde não quero dizer pobre, mas gente de boa índole, residente no centro onde os operários moravam. Benedite sempre foi uma criança calada e introvertida, mas muito atenta para o que ocorria a sua volta; seu pai, que trabalhava numa fábrica de televisões, já havia a muito reparado que sua filha não era uma menina comum.

Foi com essa natureza que aos 9 anos Benedite começou a ceder à vontade de tocar nas coisas, conhecer o mundo com a pele dos dedos. Seu primeiro ato, se podemos assim dizer, já que cada furto era como uma cena de peça de teatro, foi na padaria da esquina de sua rua. A padaria da família de talentosos padeiros, doceiros e confeitores que se orgulhavam do local, mas não tinham muito dom com números, sendo assim, foi fácil para a quieta menina perceber a distração da balconista e roubar seu primeiro doce, que dava mole fora da bandeja.

Aos 13 a menina já preferia roubar pequenos objetos, nada de muito valor, mas tudo para sua caixinha de coleção de peculiaridades, como gostava de chamar.

Certa manhã nublada, a menina se aprontou cedo para ir ao colégio e passar nas lojas pelos arredores, mal ela sabia que neste dia algo, uma mudança discreta, ia começar.

Uma loja nova parecia ter aberto, cheios de curiosidade os dedos da menina passam pela saia e ela cantarola uma música velha de que se lembra apenas do refrão, sempre o refrão que a acompanhava.



Ao entrar na loja com cheiro de papel e tinta, o sininho tamborilou, parecia um mundo novo em meio a todas aquelas prateleiras. O caixa se localizava logo na entrada com uma senhora sorridente que falou:

— Bom dia, mocinha, primeira vez na livraria?

Sem saber o que dizer a menina tímida sorri e repete:

— Livraria...?

— Sim, um lugar com muitos mundos para você conhecer. Passe pelas prateleiras que seus olhos vão achar algo que te chame a atenção.

Benedite conhecia bem esse sentimento, de algum modo em todo lugar ela achava algo que parecia chamar sua atenção; enquanto tudo parecia meio acinzentado esses objetos pareciam ter cores vibrantes, esperando para ela os pegar, juntando com os outros peculiares pedaços de cores que encontrava.

Enquanto ela passava pelas prateleiras viu que a livraria tinha apenas mais um funcionário, e que ele parecia entretido lendo algum livro desbotado.

Ela subiu as escadas e viu um livro pequeno, com capa azul escura dura com grandes letras pratas, “*O Livro das Palavras*”. De imediato a menina colocou o livro em sua mochila e continuou a cantarolar por um tempo.

Depois desceu as escadas e passou com uma feição sorridente pela senhora que, antes que ela pudesse abrir a porta, disse:

— Na vida existe certo charme nas coisas ilícitas, mas existe maior charme nas honestas, criança.

Sem saber o que aquelas palavras significavam Benedite continuou sua caminhada até a escola.

Chegando lá, uma dor nas mãos a deteve de escrever ou de procurar mais objetos vibrantes pela saleta. Só depois de muitos minutos de tédio teve a ideia de ler. Ela não era leitora voraz, lia umas poucas coisas que lhe interessavam quando passava pela rua, infelizmente ela não podia roubar as palavras com cores vivas como os objetos peculiares.

Logo na primeira página do livro estava escrito:

“*Cuidado, neste livro você encontrará palavras de todo tipo.*”

Curiosa ela continuou a leitura:

“*Adjetivos fortes*”: *Amada*

(e a lista continuava até que uma palavra apareceu com cor vibrante para os escuros olhos da menina)

Ilícito: Característica ou particularidade daquilo que não é legal; inaceitável de acordo com a moralidade. Exemplo: coisas ilícitas existem independente de nós, mas atos ilícitos dependem de nossa façanha, impulso pelo ultraje”.

E mais palavras pareciam cintilar cores em sua cabeça: moralidade, ultraje, façanha...

Sua mão parou de doer à medida que ela lia aquelas palavras e se distraía.

Passando-se os dias ela acabou pegando mais palavras para sua nova coleção, dessa vez, foram os achados e perdidos da escola que foram contemplados, ela pegou o livro fino cheio de desenhos em vermelho.

Mais tarde sua família acabou indo ao shopping, lugar que a menina nunca fora antes, lá as lojas tinham coisas de metal nas portas que a assustaram.

— Pai, o que são essas pequenas colunas de metal?

O adulto grisalho e simples respondeu com carinho para a filha:

— É para impedir que as pessoas levem coisas das lojas sem pagar...

— Para evitar atos ilícitos? — A menina continuou a indagar pensativa.

— Com palavras mais robustas, sim... Coisas erradas.

A menina refletiu por um momento, desde o livro azul brilhante ela só pegava palavras, apenas aquelas que conversavam com ela através das cores, como uma aurora boreal no céu noturno.

Ela passou um tempo quieta procurando por suas palavras naquela chique livraria, mas depois de conversar com alguém sobre seu fascinante impulso pelo ultraje, o mundo pareceu apenas cinza.

Finalmente ela decidiu pegar um livro sem graça e folhear as páginas, e como um sinal de socorro num mar de palavras ela leu “*As coisas oníricas são as verdadeiras façanhas do ser humano*”. Sem pensar duas vezes a menina olhou ao redor e arrancou a página rapidamente, a dobrou e colocou-a no bolso do jeans.

Chegando em casa dobrou logo a palavra cheia de cor em seu querido livro azul vibrante e leu: “*Onírico: que faz referência aos sonhos; que possa estar relacionado com a essência dos sonhos. Exemplo: O que nos move é o tecido onírico da realidade.*”

Questionando-se sobre quais eram seus sonhos a menina concluiu:

— Quero fazer minhas palavras vibrantes para não ter que temer perdê-las e ver um mundo cinza nunca mais!

# Cliente e vendedor

*Maira de Oliveira Carvalho Batista*

A cliente entrou na loja, insatisfeita e, ao deparar-se com o vendedor, disse:

— Bom dia! Comprei este celular há um mês, mas a câmera não está funcionando.

— Tem certeza de que foi nesta loja? — indagou-lhe o vendedor.

— Foi você quem o vendeu para mim. Ainda tenho a garantia.

— Posso ver?

A cliente retirou um comprovante da bolsa e lhe entregou. Ele analisou, durante alguns segundos, e disse:

— Realmente. Parece que este modelo não estava muito bom, heim? — ri. — Aposto que a senhora fez alguma coisa que prejudicou o aparelho, mas tudo bem, não há problema. Podemos resolver. Com apenas alguns dias, poderemos consertá-lo, e a senhora pagará muito pouco.

— Consertar?

— Na verdade, andei observando a senhora. Uma moça muito bonita, não é mesmo? Com apenas mais um pouquinho leva um aparelho novo.

Ele adentrou a loja, levando-a consigo.

— Esta bela câmera profissional. Mil vezes melhor do que este aparelho que não poderia capturar sua beleza tão bem.

— E o meu celular?

— Não, não se preocupe. É claro que temos a melhor solução. Se a senhora comprar a câmera, podemos fazer o conserto grátis. O que acha?

— Mas eu tenho garantia e...

O funcionário começou a caminhar pela loja, deixando-a falando sozinha. De repente, retornou com quatro caixas pequenas.

— Infelizmente, este aparelho esgotou. É um grande problema, mas não precisa se preocupar, veja só quantos outros por aqui. — Pegou a primeira caixa. — Este tem, simplesmente, o dobro de durabilidade e memória interna. Além do mais, pode baixar aplicativos de bate-papo. Assim a senhora pode conversar com os parentes. Imagine ficar sem falar com os parentes e, de repente, descobrir que seu tempo acabou e que nunca mais terá oportunidade de dar aquele bom dia ao seu tio ou avô!

— Será?

— É claro. Nunca se sabe quando perderemos alguém, mas... — ele se afasta, puxando-a. — Olhe que notebook! Este permite chamadas de vídeo. Você poderá ver seus parentes.

— Mas meu tio e avô não têm isso aí.

— Não é problema. Nossa loja faz um preço mínimo para você levar dois. Já pensou? Presentear um parente?

— Parece bom.

— Imagine como ficarão felizes!

— Mas... Eu vim fazer outra coisa aqui. O que era mesmo?

— É bom a senhora se lembrar porque a novela começou.

— Começou?

O vendedor apontou para o canto direito da loja.

— Olhe ali, bem naquelas telas planas. A senhora já viu como a imagem é mais limpinha?

— Não.

— Isso não é problema. Posso mostrar.

— Mas eu vim falar sobre a garantia do celular, não é?

— A garantia?

— Sim.

— Não quer ver a televisão?

— Não.

— Ótimo! Deixe seu celular comigo. Entraremos em contato quando o modelo novo chegar e então poderá vir buscá-lo.

- Que bom! Já estava cansada de ficar de pé nesta loja.  
Meu sapato está me matando.
- Não trabalhamos com sapatos, mas o meu primo tem uma loja que é simplesmente...
- Obrigada, tchau! Não esqueça de entrar em contato.



# Uma mulher de fé

*Marcos Vinicius Soler Baldasi*

A história que agora vou contar se passa no início do século XX, no sertão nordestino. Uma história de coragem, perseverança e, acima de tudo, muita fé.

Virgulino Ferreira da Silva, Lampião, frequentava mensalmente o Armazém de seu Francisco Florenço. Todas as vezes que o bando de Lampião se aproximava da pequena cidade de Belalua os moradores se estremeciam, o rei do cangaço assustava a todos. Porém, em uma portinha que dava de esquina para uma escola, existia um comércio, ou melhor, como dona Lena, proprietária do local sempre dizia: “Aqui não é um simples comércio, é um armazém. É pequeno, ‘mais tem de tudo.’” O único local da cidade que não temia os saqueamentos de Lampião era o Armazém de seu Francisco e dona Lena, o local fornecia mantimentos para o rei do cangaço, e em troca tinham sua segurança garantida.

Certo dia fazia muito calor no sertão, mais do que o comum. E o bando de cangaceiros já podia ser visto na estrada de chão batido próximo a Belalua. Rapidamente todos os moradores se fecharam dentro de casa, a única portinha que ficara aberta era a do Armazém de seu Francisco. As dezenas de cangaceiros desciam de seus cavalos e logo arrombavam as portas das casas onde enchiam suas mochilas de joias, alimentos e dinheiro. A maioria dos cangaceiros já conhecia seu Francisco e dona Lena, porém naquele dia, um novo cangaceiro estava iniciando no bando. A filha do casal, Olindrina, estava no Armazém. O novo cangaceiro logo observou o valioso brinco que a moça tinha em suas orelhas. Rapidamente arrastou a moça para a parede e arrancou com grande força os dois brincos da moça. Logo, Lampião, ao ouvir os gritos de Olindrina, se aproximou e perguntou o que havia acontecido.



As orelhas da jovem moça sangravam muito, e o novo cangaceiro estava com o par de brincos em suas mãos. Lampião fez com que o cangaceiro devolvesse o par de brincos à moça. Logo, Lampião, em voz alta, disse para que toda a pequena cidade pudesse ouvir:

— A quem me ajuda nunca cometereis o mal. Lampião é para servir, e não para maltratar. Venha aqui, cangaceiro! Vou te ensinar as leis do sertão!

Lampião retirou de sua bainha um canivete afiado. Puxou o cangaceiro pelos cabelos, encostou-o na parede, e em um único golpe, arrancou a orelha do jovem cangaceiro.

— Agora há de aprender como é a vida no cangaço. Peça perdão à moça e saia daqui logo — disse Virgulino.

Naquele momento o silêncio era geral. Olindrina, com as orelhas sangrando, era ajudada por sua mãe que estancava o sangue. A moça bela já não tinha mais os furos de sua orelha. E quase perdeu as mesmas.

Logo depois de pegar os mantimentos Lampião se aproximou da linda moça e disse que nunca mais nenhum cangaceiro seu causaria mal a uma linda donzela.

Olindrina era uma moça muito bela, de pele morena, cabelo negro e um sorriso exuberante. A família Florenço era dona de grande parte das casas de aluguel de Belalua. Dona Lena e seu Francisco, seus pais, era um casal apaixonado, com mais de vinte anos de casamento viviam uma eterna lua de mel.

Seu Francisco era muito mais do que um pai e marido, era um homem à frente de seu tempo. Em meio ao século XX já se demonstrava contra o forte machismo que existia no sertão nordestino.

A bela Olindrina atraía os mais diferentes homens de Belalua. A moça tinha um sonho desde pequena, o de se casar. Certo dia um homem jovem, de cabelo claro, pele branca, aparecia no armazém. Olindrina trocou olhares com o moço, que logo perguntou seu nome. A moça lhe respondeu com um sorriso no rosto.

Ali iniciava uma linda história de amor. O jovem passou a frequentar o armazém, e sempre sorria para a moça.

Três semanas após o primeiro encontro o jovem novamente apareceu no armazém, desta vez se apresentou para dona Lena:

— Meu nome é Irineu, sou filho do seu João Lobo. Há alguns dias conheci sua filha. Ela é muito bela e parece ser muito delicada. Gostaria de conhecê-la melhor.

Dona Lena conhecia a família do moço, seu pai era um dos maiores fazendeiros da região. A senhora convidou o moço para um jantar em sua casa no dia seguinte.

Mais tarde Lena contou para Olindrina sobre o rapaz.

— Hoje mais cedo no armazém um moço esbelto procurou por você. Como é de família boa, convidei-o para um jantar aqui em casa.

Olindrina percebeu que era o mesmo jovem de três semanas atrás, abriu um sorriso no rosto e percebeu que o seu sonho de encontrar um grande amor e casar estava próximo de se realizar.

Na noite seguinte, Olindrina preparou tudo com o maior carinho para o jantar. Seu Francisco não gostava muito da ideia da filha relacionar-se com outro homem, mas todas as vezes que olhava para sua menina ela estava com um sorriso enorme no rosto.

Chegava a hora do jantar. As velas estavam acesas. Dona Lena preparava um jantar delicioso. Irineu chegou às sete da noite em ponto, conforme o combinado, mostrando-se pontual. Olindrina preparou-se durante toda a tarde para o moço. A menina parecia uma princesa, de tão bela que estava. Seu cabelo esvoaçava, assim como o seu sorriso estrondoso no rosto.

Irineu sentou-se ao lado de Olindrina. E passou todo o jantar olhando para o rosto da linda garota. No fim da noite pegou nas mãos de Olindrina e disse as seguintes palavras:

— Seu Francisco, conheci sua filha há alguns dias. Sou um homem trabalhador, sou o único herdeiro de meu pai e estou apaixonado por sua bela filha. Não suporto mais viver longe dela,

posso parecer um homem sensível, mas eu estou apaixonado. Gostaria de me casar com sua filha.

Francisco viu em Irineu um homem assim como ele, sensível e que realmente estava apaixonado por sua filha. O mesmo não pensou duas vezes para dizer:

— Concedo a mão de minha filha a você Irineu. Mas quero que cuide dela como eu sempre cuidei, com muito amor e carinho. Mas, acima de tudo, a resposta é de minha menina.

Olindrina logo sorriu e disse que não existia outra coisa no mundo maior que o seu amor por Irineu. Abriu a boca e disse somente duas palavras: eu aceito.

Passaram-se alguns dias. Até que Irineu convidou Olindrina para conhecer sua família. A jovem visitou o casarão e conheceu seu sogro, seu João. O pai de Irineu adorou a menina que se mostrava muito prendada e educada. Na volta para a casa Irineu trazia Olindrina de volta para o armazém. No meio do caminho Irineu perguntou a Olindrina se ela gostaria de se deitar com ele. A moça timidamente disse que não, Irineu mostrou-se decepcionado.

Olindrina passou uma noite inteira refletindo sobre a pergunta que Irineu fizera. A moça logo começou a pensar que Irineu poderia deixar de amá-la. Mas a mesma sempre se lembrava das palavras de seu pai: “O homem e a mulher possuem o mesmo peso na relação. Se um não quer os dois não discutem”. Porém, lembrava também das palavras de sua mãe: “Boa mulher, é aquela que obedece a seu marido”.

No dia seguinte, Irineu convidou Olindrina para um passeio. O moço levou a noiva para perto de um rio e declarou todo seu amor:

— Meu amor, quero viver eternamente ao seu lado, quero ter vários filhos e viver os melhores dias de minha vida com você. Este rio que nasce no meio do sertão é testemunha de meu juramento de amor.

Logo depois Irineu perguntou novamente se Olindrina gostaria de deitar-se com ele. Por alguns segundos Olindrina parou para pensar. E respondeu para Irineu:

— Se o seu desejo é me amar, eu sou toda sua.

Assim a moça entregou-se ao amado. Lentamente Irineu retirou toda a roupa de Olindrina, despindo-a completamente. Chamou-a para se aproximar de algumas pedras que existiam no meio do rio. Os dois nadaram até as pedras. Irineu pediu para que Olindrina lhe desse um beijo, a moça, pela primeira vez beijava a boca de um homem. Olindrina apresentava um semblante apaixonado assim como o de Irineu, os dois se encontravam em extrema sintonia. O primeiro beijo de Olindrina logo se transformava em segundo, terceiro, quarto, quinto. Até que os dois se sentiram prontos para alcançarem um ponto mais alto do amor que viviam. Após deitar-se com Irineu, Olindrina levantou-se da pedra, olhou seu reflexo no rio, por um lado sentia-se apaixonada, por outro, suja por ter deitado com o noivo antes do casamento. Porém a paixão de Olindrina era tão avassaladora, que só conseguia pensar no amor que sentia por Irineu. O moço sentou-se ao lado de Olindrina, os dois mais uma vez se beijaram. E ao som das águas que batiam nas pedras, prometeram mais uma vez um para o outro que nunca mais se separariam. Ali estava firmado um amor, que prometia ser eterno.

Ao chegar em casa Olindrina estava radiante. Deitou-se em sua cama e dormiu contando os dias para o casamento. No dia seguinte Irineu foi até o armazém de seu Francisco, chegou gritando procurando por Olindrina:

— Olindrina, Olindrina, Olindrina, cadê você. Apareça, eu quero olhar na sua cara.

A moça apareceu e perguntou o que estava acontecendo.

— O que aconteceu? O nosso noivado acabou — disse Irineu. Seu Francisco perguntou o porquê de tudo aquilo.

— Seu Francisco, sua filha é uma desfrutada! Deitou-se comigo antes do casamento. Nenhuma mulher de bem faz isso com nenhum homem.

De repente o sorriso de Olindrina se apagava. Toda sua beleza não combinava com aquele momento de sofrimento. Todo o amor que sentia por Irineu acabou. A menina saiu correndo do armazém para casa.

Seu Francisco fez um único pedido para Irineu:

— Por favor, Irineu, pela consideração que possui a mim, não conte a ninguém que minha filha dormiu com o senhor. Em nome de minha família, por favor.

Irineu, apesar de todo o machismo que possuía, ainda amava Olindrina e decidiu não contar para ninguém o que havia acontecido.

Com dona Lena, Olindrina contou tudo o que havia acontecido. A mãe não conseguia ficar brava com a filha, pois sabia que ela estava apaixonada, e que era capaz de tudo pelo noivo.

Dois meses depois, tudo já estava de volta ao normal. Ninguém da cidade descobriu o relacionamento de Irineu e Olindrina. Entretanto, Olindrina acordou indisposta, sua cabeça doía e seu estômago estava muito enjoado. Francisco decidiu levar a filha ao médico. Assim chegava a notícia de que Olindrina esperava um filho de Irineu.

Todos se desesperaram, pois em pleno início do século XX, no sertão nordestino, uma jovem grávida e sem marido era sinal de preconceito e desonra para a família.

Seu Francisco decide ir conversar com Irineu para convencê-lo a se casar com Olindrina, pois a mesma esperava um filho dele. Chegando ao casarão da família Lobo, a primeira pessoa que Francisco viu foi seu João, que ao ouvir a proposta de Francisco logo disse:

— Meu filho jamais se casará com uma mulher desfrutada. Se ela se deitou com meu filho deitaria com qualquer um. Essa criança não tem o menor valor para mim e para meu filho, e se depender de mim Irineu nunca saberá que Olindrina está grávida de um filho seu.

Francisco chega a uma única conclusão, ir embora do sertão nordestino. Decidiu vender tudo o que possuía e mudar-se para bem longe. Onde ninguém saberia sobre a verdade. Vendeu tudo por menos da metade do preço, e duas semanas depois já partiu para um novo lugar, a cidade de Lins, no estado de São Paulo.

Chegando ao novo destino com a filha comprou um pedaço de terra onde começou a plantar. Com o passar do tempo chega o dia do parto de Olindrina, a jovem com muito medo pede para que sua mãe lhe desse a mão e só deixasse o quarto depois que a criança nascesse. Bem baixinho a moça rezava para que tudo ocorresse bem. O parto foi longo, durou dois dias e duas noites.

Já amanhecia quando vinha ao mundo um belo menino.

Olindrina segurou o garoto e disse:

— Você nunca sofrerá as consequências de meus erros. Seu nome será Luís, um ilustre guerreiro, um homem que nunca desistirá de seus sonhos e que honrará o nome de sua mãe.

Francisco decidiu registrar o garoto em seu nome e de sua mulher, pois assim Olindrina estaria livre para se casar. Assim Luis, o nome da união de um grande amor nascia. Apesar de tudo o que aconteceu ainda restava um resquício de amor entre Olindrina e seu ex-noivo, mas algo que o tempo logo apagaria.

Passaram-se dois anos. Olindrina conhece um nordestino chamado Mário, homem trabalhador que se mudou para Lins com a sede de vida nova. Os dois se apaixonaram e logo se casaram.

O segredo sobre Luis permaneceu guardado. Para todos da família o garoto era filho de Lena e Francisco.

Após o casamento os dois decidem ter um filho. O primeiro veio com muita saúde provando o amor do casal. Porém, com o passar do tempo, Mário mostrou-se um homem violento, agredia Olindrina que mais uma vez sofria uma enorme decepção amorosa. Tiveram mais um filho e uma filha.

Em 1957 a família decide mudar de cidade. Encontra terra no estado do Paraná. No mesmo ano Olindrina engravida nova-

mente, o relacionamento do casal a cada dia piorava. Certo dia Mário ficou muito bravo com Olindrina por ela deixar sua filha mais nova chorando, agressivo o homem arremessou a esposa da escada de sua casa, a mulher grávida ficou toda ferida, tendo que permanecer em repouso pelo resto de toda gestação.

Chegado o dia do parto do quarto filho, a parteira permaneceu na casa durante horas esperando o nascimento. Até que nascia a criança. O bebê não resistiu à queda da mãe e acabou morrendo, as marcas de ferimentos no bebê mostravam que a causa de sua morte foi a queda de sua mãe.

Enquanto a família crescia Olindrina se apegava ainda mais em Nossa Senhora Aparecida. A fé da mãe de família fazia com que aguentasse o duro marido. Mário era muito severo com os filhos. Nilza, a terceira filha, possuía um único brinquedo, uma boneca de porcelana que tinha sido dada de presente por seu pai. Certo dia Mário pediu para que a menina separasse a briga entre dois porcos que brigavam no chiqueiro. A menina entretida com a linda boneca acabou esquecendo-se de suas obrigações, como consequência um dos porcos morreu. Ao chegar em casa e ver um dos porcos morto, Mário correu até o quarto de Nilza que brincava com sua boneca, arrancou a boneca de suas mãos e a arremessou na parede. A menina, com medo do pai, não chorou alto e nem gritou, apenas engoliu os soluços e escorreram pequenas lágrimas dos olhos que brilhavam de tristeza.

Todos os fins de ano dona Lena e seu Francisco visitavam a família no Paraná. No ano de 1965, Francisco veio com a missão de revelar para Mário que Luis era filho de Olindrina com outro homem, e que não era seu filho e sim seu neto.

Francisco chamou na sala da casa Olindrina, Lena e Mário. E pediu para que sua filha contasse toda a verdade:

— Mário, quando morava no nordeste relacionei-me com um homem chamado Irineu, ficamos noivos. Mas antes do casamento deitei-me com ele, estava cega pela paixão que sentia. No dia seguin-

te ele disse que não aceitaria casar-se com uma desfrutada como eu. Depois de um tempo descobri que estava grávida. Vendemos tudo no sertão e fomos para Lins. Chegando lá dei luz ao Luis. Para que eu conseguisse me casar, meus pais o registraram como filho deles. Depois te conheci e o restante da história você já conhece.

Ao contrário do que todos imaginavam Mário aceitou a história da esposa. Entretanto depois que seus sogros foram embora, Olindrina foi agredida como nunca em sua vida, a dor que sentia era tanta que não aguentava mais Mário. Essa dor não era física, mas sim espiritual. Apesar de tudo, mais uma vez recorreu a sua enorme fé, que a salvou novamente.

Olindrina ainda gerou mais sete filhos, totalizando dez, entre eles Luis que permaneceu distante da família.

A mulher de fé inabalável já era uma senhora, perdera seus pais e só tinha seus cinco filhos e cinco filhas.

Com o passar do tempo Olindrina ganhou voz dentro de casa e passou a negar as ordens de seu marido. A família mudou-se para o estado do Mato Grosso, onde Mário se transformou em um homem muito rico, dono de milhares de cabeças de gado. Porém a riqueza não consertou a dor do passado de sua esposa, apesar de tudo ainda conseguiu aproveitar sua vida, ela sempre dizia: “posso ter um passado com muitas histórias tristes, mas estas tristezas fizeram com que hoje eu aprendesse a ser feliz com o que tenho”.

Mário, depois de muito tempo, aceitou Luis em sua casa, unindo assim a família de dez filhos e um casal com desavenças, mas que a fé de uma esposa fez com que permanecessem unidos.

Olindrina faleceu com oitenta e dois anos. Após a morte de sua esposa Mário adoeceu, permaneceu ao lado das filhas e viveu os últimos dias de sua vida se arrependendo do passado cruel que fez com que sua família vivesse.

Assim, termino um conto de uma família com diversos personagens, um homem à frente de seu tempo, uma mulher corajosa, um marido arrependido e uma verdadeira esposa e mãe de muita fé.





# A Ferida

*Pedro Luiz Dias Galuchi*

Solitário, olhava o dedão...

Queria retirar as faixas que cobriam seu pé... O dedão ardia em virtude da medicação que fora aplicada. Era a derradeira tentativa para que a pele se restaurasse e desaparecesse aquela pequena chaga. Também pequena, mas existia a esperança da não amputação. A decisão seria tomada em horas... Logo pela manhã retornaria ao médico.

Seus filhos viriam buscá-lo para levá-lo ao hospital... Um manifestou a vontade de passar a noite com ele, mas argumentou preferir ficar só... Para refletir...

O risco de perder o dedão o atormentava...

Quantas pedrinhas chutara na infância?... Quantos gols de bico fizera com aquele dedo?... A quilometragem de caminhadas perdera a conta.

Agora, estava lá... Sentado no sofá, torcendo para que um remedinho lhe restaurasse a esperança de poder andar de modo independente de qualquer aparelhagem... De não se tornar um aleijão... Um peso para a família...

Entre agitado e angustiado, zapeava aleatoriamente o controle remoto, sem prestar a mínima atenção. De repente, uma emissora lhe chamou a atenção. Era dessas que transmitem um pouco de cultura. Discorria sobre a vida de Mendel, o homem das ervilhas, que descobrira os primórdios da genética.

Sorriu, pensativo. Qual teria sido o gene que lhe transmitira aquele mal?

Herdara do pai? Da mãe?

Com certeza, nenhum deles deseja um filho sofrendo.

Ainda mais, sentindo-se culpado.

De outra parte, teria ele colocado o gene doentio no DNA de seus filhos? Não queria sobre ele essa espada... Viveria para saber?

Aquele dedo tinha que cicatrizar... Quantas cicatrizes já não lhe marcavam o corpo? O corte na testa... Na perna... Nos joelhos... Cotovelos...

Essas eram visíveis... Quase todas as pessoas têm. Havia as invisíveis...

A separação dos filhos partindo para suas vidas... O divórcio... As mortes prematuras da mãe e pai naquele fatídico acidente de automóvel. Ainda lhe era nítida a imagem do velório. Parecia impossível que aquelas pessoas tão jovens, sem qualquer defeito aparente dormiam o sono eterno... Também corriqueiras.

Bateu-lhe o pensamento do quanto o ser humano é frágil... Indefeso à morte...

Quanto tempo é ideal para se viver, não se passar em branco pela vida e não se deixar consumir por ela?

Já tivera filhos, plantara uma árvore... Faltava apenas o livro para eternizar-se.

Não queria ser eterno... Queria apenas continuar caminhando com a cabeça erguida até morrer... Não depender de muletas, cadeiras de rodas, que alguém lhe ajudasse a subir uma escada... Queria poder dirigir seu carro e deslocar-se livremente, como sempre fizera.

Os primeiros sintomas apareceram há uns três anos... Inicialmente um leve adormecimento... Nem deu tratos à bola... Depois, a falta de sensibilidade e a rigidez. Inúmeros exames, incontáveis consultórios, ingerir um sem número de medicações... Às vezes, uma pequena melhora, logo substituída pela decepção da recaída... Cada vez piorava mais... Vieram tempos de dores..

Era como tentar subir uma escada rolante que está descendo...

Nenhum diagnóstico!

Passou a praticar tudo que podia para melhorar seu quadro. Alterou a alimentação, limitou as bebidas, parou de fumar. Às ve-

zes, sem muita esperança, o pensamento: Que diferença faria saber qual doença? O mal estava instalado. Pouco adiantaria tentar se recompor. O tempo é um peso irrecuperável. A doença de difícil identificação estava prestes a obrigá-lo amputar o dedo. Um simples pedacinho lá na extremidade impensada do corpo... Ao qual, via de regra, não damos a mínima atenção, exceto quando damos uma topada inesperada... Como a falta de um pedacinho pode causar tantas consequências...

Tudo se desequilibra... Parece perder-se a estética...

Ainda que pudesse encobrir a falta, sabia de seu defeito.

Todos sabemos.

No vigor da vida nunca nos passa a ideia de nos tornarmos coxos... É da natureza humana esse sentimento de poder.

A madrugada adentrava em seu espírito... Sentiu-se um fantasma a arrastar correntes pelos corredores. Antes de adormecermos somos diferentes... Aumenta-se o medo e a coragem pelo enfrentamento de situações que se avizinham.

O medo da perda de parte de si fizera-lhe muito refletir. Chegara a comprar diversas plantas, taxadas de venenosas. Uma arma também. Nas noites mais dolorosas pensou usar para aliviar-se do sofrimento.

Quantas dúvidas...

São tantas as pessoas que têm iguais dúvidas ante essas ameaças de perda.

Apoiando-se, chegou até a escrivinha e apanhou uma rama na gaveta. Com alguma dificuldade apanhou o revólver, guardado sobre o armário.

Difícil decisão! Terrível imaginar-se ensanguentado. Envenenar-se era mais digno.

O desejo de viver é a maior defesa que o ser humano possui. Luta-se bravamente, ante qualquer risco... Uma força inimaginável à luz da normalidade. Herança do instinto animal à ameaça do predador.

Pegou caneta e folha de papel para escrever a última mensagem... Sempre tolas as palavras de despedida. Servem apenas para tentar deixar a outros a culpa de seu desespero...

Não!

Uma réstia de coragem o empurrou para o outro lado... Enfrentaria suas penas... Quem sabe prestar-se como cobaia para estudarem sua doença.

Mas, e a falta irreparável do dedão?... Quem garantia que o mal não se espalharia por todo o corpo?... Perderia o pé?... A perna?... Dedos das mãos... Os braços... Onde colocaria os anéis? Ele, sempre orgulhoso de seu corpo, quase perfeito...

Gostava de admirar-se no espelho... Servia de paradigma a quantos? Como reagiriam ante a falta de um pedaço?... Por menor que fosse...

Outro sorriso, irônico.

Veio-lhe à memória imagens da infância... Gostava de brincar de saltar num pé só... Vovó até o chamava de Pererê. Os Sacis não têm a perna direita, justamente a que lhe faltaria

o dedo, se a quase inevitável amputação ocorresse. Que castigo estará a pagar?

Não tomara o remédio prescrito para relaxar e dormir, mas o sono chegava naquela que poderia ser a última noite de seu corpo inteiro... Breve teria que se render ao inevitável... Lutava o que podia para permanecer acordado... Lutaria, sem o dedão, pela melhor qualidade de vida possível... Quem sabe, tendo que ficar mais tempo sentado, não escrevesse um livro com suas memórias para imortalizar-se e para alertar sobre o mal que lhe atingira?

A luta de raciocínios levou-o à decisão, antes de adormecer às primeiras luzes do amanhecer...

Era esperar a hora!

Tocaram a campainha... Insistiram... No fundo, queriam guardar uma última imagem do pai abrindo a porta e sorrindo, como sempre fazem quando chega um filho.

Deve ser efeito do remédio, pensaram... Exagerou na dose, comentaram silentes, cada um para si...

Abriram a porta e viram o pai deitado no sofá, enrolado em um cobertor... O pé enfaixado escapava ao aconchego, quase tocando o chão.

Um chamou-o, sem resposta... Enregelaram-se...

O outro bateu-lhe carinhosamente no ombro não querendo acreditar...

Choraram para o outro, abraçando-se os dois e ao corpo. No chão jaziam o revólver e uma rama de planta.

De nada adiantou chamar a emergência.

Ao invés da ambulância à internação cirúrgica, levou-o o rabecão ao legista para identificar-se a “causa-mortis”. Mister para óbitos ocorridos de forma suspeita.

Procedimentos que lhe retalharam o corpo realizados, foi enterrado... Corpo íntegro como à imagem dos pais. Sua dor jazia escondida no sapato mortuário, não permitindo, aos que não lhe tivessem convívio, soubessem da aflição implacável dos últimos tempos de vida.

Para estes, a surpresa de uma morte inesperada.

A necropsia pouco revelou... Que diferença faria? Envenenamento? Bala? Infarto?

Certamente, morreria de desgosto... Talvez!...

Provavelmente, sentindo o prazer do gosto de vitória sobre a doença... Instantes antes de ser absorvido por ela...

Corpo e alma inteiros... Imagem da perfeição... A mesma idealizada ao nascimento dos humanos...

Sem a ilusão dos falsos anéis que nos fazem perder os dedos...



# A Festa

José Prata

Nunca gostei de festas. As que são em boates, digo. Música alta, pouca luminosidade e nenhum lugar para sentar-se. Além do que, para mim, é quase impossível manter um diálogo, por essa audição meia boca que eu tenho.

Por outro lado, gosto de pessoas. Vê-las, ouvi-las, senti-las, observá-las. Sentir no sentido amplo, porque, até então, contato físico em minha vida restringia-se a abraços fraternais que ganhava de senhoras maiores de cinquenta anos.

Além do que, eu amo bebida alcoólica. Desde a primeira vez que fiquei tonto com vinho branco num restaurante chique em Florianópolis, cada gole era muito bem saboreado. E beber era uma das poucas coisas que me fazia sentir jovem. Muito provável porque era uma das poucas coisas de jovens que eu fazia. E olha que eu tinha só 17 anos.

Mas eu estava ali. No Extremo Sul do Rio Grande do Sul, onde, além do Uruguai, só havia o oceano e o fim do mundo. E eu adorava cada detalhe da minha história, de adolescente inconsequente que decretou seu autoexílio para o outro lado do país e agora estava numa fila quilométrica com sua turma de amigos espevitados encarando o letreiro chamativo de uma boate. De uma boate gay.

Tudo era novo para mim. E nem poderia deixar de ser, já que a novidade era exatamente o que eu procurava, ainda que tivessem dificuldades em determiná-la. Pelo descobrimento se pagava seu preço, já que meu corpo insistia em não me deixar esquecer minha ousadia. Que consciência abrangente! Era perceptível na ponta dos meus dedos cada onda energética, pensamento e até mesmo hipótese do que pudesse acontecer ali.



O pior de tudo, claro, era a dor de barriga. Eu podia jurar que não conseguiria chegar ao final daquela fila me mantendo em condições decentes. Sem falar na vontade de sair correndo e ligar para minha mãe, inventar uma história louca e ouvi-la me dizendo para ir para casa e que ficaria tudo bem.

Eu sei que ficaria, mãe. Você só não poderia imaginar que estava tudo bem na porta de uma boate gay, no Sul, bem no Sul. Tanta (pouca) coisa no auge dos meus 17 anos completos.

Gastos, em sua maioria, nos átrios de igrejas e nas mesas de biblioteca. Em parte, por minha culpa, minha máxima culpa, que queria a todo custo sobressair-me aos demais e deixar claro, de uma vez por todas, meus ares de prodígio. Em outros quinhões, no entanto, por azar, ao ser vítima de uma Natureza (Deus?) que me fez extremamente desconcertado e moderadamente feio. Sim, feio, até porque, a essa altura, já havia dado para perceber que meus dotes não se enquadravam nos padrões de beleza de nenhum outro estado do país.

Tinha um pensamento bem recorrente, que, pela quantidade de repetições, fez-me notar seu engenho. Sempre que eu me encontrava numa situação dessas, ou seja, entre pessoas jovens e descoladas, geralmente em festas, em momentos em que o nome da minha família ou a fama da minha inteligência de nada valiam, eu começava a pensar em filmes, músicas ou livros. Uma canção que eu gostasse ou um bom romance que eu havia começado, de repente me pareciam tão atraentes, que estar ali, em pé, em meio a desconhecidos, perdia totalmente o sentido para mim. E então vinha aquela vontade incontornável de voltar para casa, recolher-me em minha cama e fazer tudo que minha liberdade me permitia.

Mas não naquele dia.

Como no aterrissar de uma longa viagem, quando dei por mim estava lá, sendo revistado por um bem-apegoado segurança de origem alemã, num *hall* em que a única coisa que separava o

mundo e o caminho que minha vida tomaria era uma cortina de veludo esmeralda.

De repente estávamos em frente a um balcão, satisfatoriamente munido de garrafas e coquetéis. Ao meu lado, meu melhor amigo e os amigos dele. Devia ser engraçado nos observar de longe, tentando parecer-nos à vontade naquele ambiente e, ao mesmo tempo, mantendo uma distância amigável uns dos outros. O motivo? Não sabíamos bem o que nos mantinha juntos como um grupo de amigos. Ou melhor, não fazíamos questão nenhuma de saber.

De qualquer forma, era estranho. Minha mente conseguiu elaborar um rol de “e se...” tão vasto que daria inveja a qualquer professor de direito. E fazia total sentido. Até porque, e se alguém descobrisse que eu estava numa boate gay acompanhado de três meninos?

Não pense nisso. Escreve um poema mentalmente, vira logo esse copo de uísque falsificado, só não estraga sua festa. Eu mereço estar aqui, já passei por muita coisa ruim e sempre fui um bom rapaz. Viver não é crime. Nem sentir prazer.

Quanta gente bonita! puta que me pariu. As pessoas do Sul pareciam realmente mais atraentes. E não venha me dizer que é racismo, porque isso inclui todos aqueles negros lindos. E os castelhanos sensuais. E os alemães gostosos.

Eu queria experimentá-los, um-por-um. Não me julgue depravado, mas era isso o que eu queria, sentir o gosto de cada pessoa que estava ali. Meninas e meninos. Passar a mão em seus cabelos, conhecer a maciez de suas mãos, beijar seus lábios e misturar tudo. Língua, dentes e saliva.

Mas como? De forma alguma seria natural me aproximar de um desconhecido e beijar sua boca. Ou o que parecia pior, pedir permissão para beijar sua boca. É claro que, entre um extremo e outro, existiam os mil caminhos do galanteio, flerte, xaveco, ou seja lá que nome dão por aqui. Olhar nos olhos, dizer qualquer coisa agradável e engraçadinha, mas sempre deixando clara sua *meta-síntese*, abater aquela presa o mais breve possível.

Era tanta gente, de qualquer forma, que o simples fato de estar ali e observá-las todas fazia com que eu sentisse no meu âmago um prazer muito sutil. E platônico. Foi então, em meio a esse mar de devaneios, que meu melhor amigo me beijou.

Não que eu esperasse. Inclusive porque não é muito habitual que você espere que seus amigos beijem sua boca, assim, do nada. Mas não que eu não tivesse gostado.

E, da mesma forma súbita, ele se afastou de mim sorrindo e disse, é para começar bem a noite, ou algo do tipo. Um sentimento agradável de leveza e normalidade tomou conta de mim, e eu saí sozinho pela boate, dançando e virando doses de uísque com guaraná, pouco me importando com o que as pessoas pensavam. Cá entre nós, eu estava há milhares de quilômetros de qualquer pessoa com autoridade consanguínea para me censurar.

Então, de repente, estava um cara parado na minha frente, com o olhar fixado no meu, me dizendo qualquer coisa agradável ou engraçadinha e com uma vontade à flor da pele de me beijar. Era um moço alto, bem mais alto do que eu, e muito bonito. Ele chegou e tirou meu chapéu de D'Artagnan, porque – não sei se me lembrei de mencionar – mas era uma festa à fantasia. Depois perguntou se o mosqueteiro estava sozinho, que queria muito beijá-lo. Nós nos beijamos, num toque macio e inocente, como quem leva à boca a primeira fatia de manjar.

Sei que tudo parecia um sonho. Pela primeira vez o mundo não se encontrava na iminência de uma tragédia. Pela primeira vez ninguém estava em vigilância constante para apontar cada deslize que eu pudesse cometer. Cheirava à liberdade.

Eu quis ir embora, logo. Eram umas três da manhã, estava cedo ainda. Mas eu quis ir, porque minha noite estava perfeita e eu queria que ela terminasse assim, pura e sem mancha, para ter como frutos lembranças quase tangíveis de tanta intensidade.

Nada mais épico que aquele caminho para minha residência de então, por entre construções cinzentas e coloniais, que re-

montavam ao passado glorioso da Cidade de Pelotas e que hoje enchiam de matéria-prima a imaginação de qualquer transeunte. Minha cabeça rodava como a lua cheia e branca sobre ela.

Mas minha translação era o próprio uísque barato, inflamando pensamentos e lembranças, receios e vontades reprimidas pelo chumbo dos anos idos. De repente aqueles casarões pareceram terríveis, como que malassombrados, tão destoantes da normalidade a que eu me habituara. De repente a brisa fresca se transformou num tornado. Avassalador e devastador. Até que eu vi a casa verde, meu porto seguro.

Tranquei-me banheiro a dentro, onde estava a salvo de tudo o que era imundo. Tomei um vidro de enxaguante bucal pelas mãos e virei em minha boca. Eu queria desinfetar minha língua, garganta e mucosa. Eu queria ser puro de novo.

Já no quarto, bati a porta e me ajoelhei aos pés da cama. Com meu vistoso terço de prata nas mãos, eu pedi perdão. Muitas vezes. Perdoa-me, Senhor, pois eu não sabia o que fizera. *Kyrie eleison*. E dormi sobre o peso da minha consciência.

Os maus dias, assim como os bons, terminam. E vêm outros, como o silêncio depois da tempestade.

Eu acordei no outro dia na ressaca triste dos bêbados que aprontaram. Mas algo estava diferente. Aquela epifania, como num conto de Clarice em que se come uma barata para abrir-se os olhos para o mundo. E do imundo brota algum tipo de revelação, higiênica e cristalina.

Eu estava forte. *Tornei-me* forte. Dos pedaços quebrados de mim mesmo eu sabia que ninguém poderia tornar a quebrá-los, deixando aquilo num estado ainda pior. E, de ali em diante, dos cacos da minha sanidade e amor-próprio, só me restavam duas únicas vias. Mantê-los assim ou consertá-los. Com uma resina forte e eterna.

Seria doloroso, naturalmente. Mas não tinha volta. Enfrentar o que eu sou e o que acontecera, aceitar e me impor. Irradiar a

energia que um reator atômico produzia incessantemente na minha caixa torácica.

Fui vivendo. Assim, no gerúndio, como quem se arrasta. Um réptil preguiçoso e pecilotérmico que precisa de cada grão da luz do sol para se manter. Eu aprendi a olhar nos olhos das pessoas e a manter o olhar. A falar e a falar mais alto, bem como a manter o que havia dito. A reconhecer meus erros, mas não demonstrar fraqueza.

Só desaprendi a chorar, e isso tem feito falta.

Então veio tanta coisa. Das dores fúnebres aos amores festivos. Quantos beijos, mordidas e bofetadas, até que eu tivesse me acostumado de certa forma, a todo aquele rebuliço, de modo que o marasmo já me era estranho.

E agora, José? A festa acabou, a luz apagou e o povo sumiu. E fizeram novas festas, iluminaram novas luzes e foi tanta gente. As boates gays também continuaram. Só que agora, na parcimônia dos velhos conhecidos, que experimentam, não tudo de uma vez, mas devagar, calmamente.

Até porque, dos cinco sentidos, o paladar é o mais severo. Exige extrema diligência. A língua, no caso, que passeia palmo a palmo, pelo a pelo. E se funde aos outros. Tato, visão, audição e olfato. Minhas papilas gustativas saboreando outros corpos, suores alheios.

Não tem porque ter medo. A vida é essa. E esse sou eu.

# Mil e uma noites...

*Regina Ruth Rincon Caires*

Mil e uma noites... Muito mais, talvez o dobro ou mais que isso. Sempre no mesmo compasso de um impiedoso relógio, o peito da menina inundava-se de agonia.

O temido ritual começava no cair da noite. Feito zumbis, tamanha a repetição, Dorinha mais o irmão, mecanicamente, realizavam a busca inclemente de todos os objetos cortantes ou perfurantes da velha casa. Era a caça aos garfos, facas, tesoura, e a qualquer outra estroenga que oferecesse risco. Estavam sempre atentos a novas ameaças.

Os garfos ficavam todos mais à mão, costumeiramente na gaveta do guarda-louça. A tesoura, depois que a velha máquina de costura foi descartada, tinha lugar cativo no fundo da gaveta da papelada. Guardar as facas era trabalho mais complicado. Além das que estavam na gaveta, havia uma miúda, muito antiga. Era de cabo de osso, lâmina de aço reluzente e de formato pontiagudo. Enfiada numa bainha ensebada, ficava sempre amoitada no beiral do alpendre da cozinha. A mãe contava que era do tempo em que o pai labutava no traçador, derrubando mata. Foi de muita serventia. Picava fumo, descascava fruta, cortava corda, limpava unha e até tirava bicho-de-pé! E, uma última, que mais parecia um facão, vivia atolada na terra do latão, usado de vaso para as mudas de espada-de-são-jorge que a mãe de Dorinha cultivava. Foi a mais difícil de descobrir, confundia-se com as plantas.

Tralhas juntadas, hora de enfiá-las na velha fronha, puída. Tudo muito rápido, não queriam que a mãe percebesse. Santa inocência! Já no quarto, o pesado colchão de molas esgarçadas era erguido e, sobre o estrado de arame, o arsenal era encafuado. Ambos sabiam que tudo deveria voltar ao lugar antes do amanhecer, antes que o

pai acordasse. Por precaução, Dorinha não dormia enquanto não terminasse a missão. Na casa não havia despertador, e ela sabia que só acordava com o claro do dia. Não podia correr o risco!

Ela e o irmão dormiam no mesmo quarto. Agonia dividida. Se bem que o irmão, mais novo, tinha um sono sepulcral, o que aliviava Dorinha. Poucas vezes ele acordou com a chegada do pai. E pelo que viu, aterrorizado, entrava em pânico. Faria qualquer coisa para esquecer. O sono profundo do irmão, se não fosse bênção, com certeza seria fuga. Pouco importava. Dorinha era grata por ele ser poupado.

Naquela noite, todas as luzes apagadas, a mãe dormia, ou fingia dormir. A única réstia de luz, que avançava pela fresta da janela, vinha do poste da esquina. O irmão já ressonava. Alívio. Na penumbra do quarto, o coração de Dorinha batia na goela, nos ouvidos, nas pontas dos dedos. O sangue latejava em todas as extremidades do corpo. Cadência acelerada. Ao longe, escutara a tosse. A expectativa retesava suas articulações de tal maneira que, mesmo querendo, não movia nada do seu corpo além dos olhos.

Os passos estavam mais próximos, a tosse também. Pelos ruídos, Dorinha percebe o tranco para abrir o portão, a fala enrolada, o andar arrastado e cambaleante. Finalmente, o arremesso enfurecido da grade do velho portão. Uma hora ia cair... O muro estava totalmente rachado! Dorinha repensa se deixou a porta da cozinha aberta. Sim, deixou. Isso não podia ser esquecido. Se o pai, bêbado, encontrasse a porta fechada, o chute seria tamanho que não caberia mais conserto. Havia ripas cruzadas em todos os sentidos e, ainda assim, restavam algumas frestas escancaradas.

Agora, dentro da casa, os impropérios, que ouvidos à distância pareciam sussurros, soavam contundentes como se fossem soletrados, desenhados. Tantos xingamentos, afrontas, injúrias! O pai beirava a loucura. Dorinha sabia que era a própria loucura. Insano, irreconhecível. Em nada lembrava a doçura daquele pai que ela tentava, de todas as maneiras, perpetuar na memória.

Como podia?! Em que lugar foi parar o zelo daquelas mãos que enrolavam torrões de açúcar em pedacinhos de pano para acalmar as crianças quando não havia chupeta? Onde se escondeu a ternura daqueles olhos gateados? E o assobio prazeroso de todas as manhãs?! Incompreensível.

Imóvel na cama, tentando imaginar os movimentos do pai do outro lado da parede, Dorinha acompanhava todo o transe, todo aquele acesso aflitivo, recorrente, diário. E rezava para que seguisse a ordem natural, sem qualquer desvio. Os murros na mesa, os gritos, os palavrões, os pedidos de clemência, os chamados, os insultos, o choro convulsivo, o arremesso das pesadas cadeiras contra a parede. Essa era a ordem a acompanhar. Os objetos que lhe caíam às mãos pareciam paina, voavam. Era tanta a agitação, tão frenética a crise que ele ficava extenuado. O cansaço podia ser notado no balbucio das palavras, no arrefecimento da voz, na respiração ofegante. E, quase num arrasto do corpo, jogava-se sobre o sofá, todo capenga.

Dorinha não mais sentia vergonha dos vizinhos. Carregou por muito tempo um constrangimento doído quando encarava as pessoas da vila. Tantos vexames. Ficava ruborizada quando alguém a olhava. Um martírio. Como nada podia fazer, afrouxou as amarras. Igual à bebedeira do pai, virou costume.

Ele, depois de estirado no sofá, fazia vãs tentativas para se erguer e, em seguida, aquietava-se. Era um estado de torpor que, se fosse interrompido, o pai ainda insinuava agressão com os braços. Era preciso esperar a hora certa. E, quando essa hora chegava, a mãe de Dorinha entrava em cena. Com cuidado, ainda trazendo resquícios de bem-querer, curvava-se diante do companheiro, sussurrava palavras no seu ouvido, e usando de toda a força que conseguia, passava o braço dele pelo pescoço e o ajudava a se levantar. Caminhavam engalfinhados até o quarto, como se fossem dois bêbados.

Dorinha ouvia claramente o gemer da estrutura da cama quando o pai era largado sobre ela. Não havia como deitá-lo com cuida-



do, era um homem graúdo, pesado. E, francamente, era o momento mais aguardado da noite! Daí em diante, até que tudo se repetisse no dia seguinte, era o período de trégua. Isso se não houvesse um gatilho inconsciente que o despertasse! Quando isso acontecia, a crise se tornava ainda mais agressiva, brutal. Era o que Dorinha mais temia, principalmente porque acordava o irmão. Era muito difícil encarar a tristeza dali, daquele quarto, de forma dobrada.

Passado o terror da noite, depois de ouvir os soluços disfarçados da mãe, constatado que o pai caíra no sono abissal, Dorinha cuidava da reposição dos objetos. Sem dúvida alguma, a parte mais difícil era arrastar a cadeira, em silêncio e no escuro, para alcançar o beiral do alpendre. O lugar exato ela nunca errava. Cravar o facão no vaso não era custoso. A fenda da usança podia ser tateada.

Encostada a porta da cozinha, arruma a coberta do irmão que dorme despreocupado, inocente. Agora pode descansar. Esse repetir, repetir, sem intermitência e sem compaixão, deixou uma mágoa no corpo, na alma. Nunca se sentia refeita, inteira, plena. A menina era pura carência. Imaginava que com o tempo uma crosta seria formada e que serviria como uma armadura contra o desassossego. Não foi assim. Tudo amedrontava como se fosse primeira vez.

Fecha os olhos, nem sabe em que pensar. Nada. Melhor não pensar. E, de repente, naquela transição entre consciência e sono, se vê envolta em nuvens, neblina. Tateia. Ouve vozes, gritos, gargalhadas, lamúrias, um pandemônio. Tem a sensação de que o colchão fora alçado, ouve barulho como se mexessem nos objetos dentro da velha fronha. Vê a lâmina reluzente da pequena faca cintilar na mão de alguém. Alguém sem rosto. Percebe que entre todas as vozes que se entremeiam, a do pai é a mais aguda. Está agitado, violento, agressivo. Dorinha segue o brilho intenso da lâmina. A mão continua a empunhar a faca. A pessoa não mostra o rosto, apenas busca se aproximar do pai de Dorinha. E o vozeiro ecoa, difuso. Um amontoado de gente, corpos se resvalando,

não havia brecha para passar, faltava o ar, e, de repente, um grito aterrorizador irrompeu. Dorinha vê a poça de sangue, e a pequena faca de cabo de osso cravada nas costas do pai. E enxerga o rosto. O corpo é de adulto, mas o rosto é do irmão.

Numa luta desenfreada tenta se desvencilhar de todos, arremessa os braços, empurra as pessoas, e, depois de incontáveis safanões, é acordada pelo irmão. Ele está ali, ao lado da cama, trêmulo.

— Dorinha, fica quieta! Você vai acabar acordando o pai.

Por que você gritou tanto?

Assustada, confusa, os pensamentos emaranhados, o rostinho assustado do irmão colado ao seu... Como explicar?!

Dorinha passa a mão pelos cabelos do pequeno, docemente cinge a cabeça dele contra o seu peito, e diz:

— Não foi nada, menino. Ainda é noite, volta pra cama.

Amanhã será outro dia...



# Naufração

André Telucazu Kondo

- Mas por que você tentou fazer isso?
- Parecia a coisa mais fácil a se fazer.
- Só por isso? Só porque parecia a coisa mais fácil? Não pode ser só por isso!
- Se não acredita, por que insiste em perguntar?
- Por que eu preciso saber!
- Não, não precisa. Não precisamos saber nada da vida das outras pessoas. O que acontece é que nós queremos saber. Só isso. Nada vai mudar se você souber porque a vizinha pinta as unhas de vermelho, sempre vermelho e nunca essa cor de rosa murcha que você usa. Acontece que essas pequenas curiosidades são satisfeitas facilmente. Tão facilmente que nem nos damos ao trabalho de perguntar. Imaginamos motivos e pronto. Você poderia pensar que ela gosta de vermelho, só isso. Ou, se for um pouco mais além, poderia imaginar que a vizinha é uma psicopata, que fantasia o desejo de ver os dedos cravados em sangue, pintando-os de vermelho. Mas isso é só pra você ter uma ideia de como as coisas não são tão simples assim. Talvez nem ela saiba porque pinta as unhas de vermelho, por isso tenha acreditado na história de que faz isso apenas porque gosta dessa cor. Afinal, é muito melhor pensar que pintamos as unhas de vermelho porque gostamos dessa cor do que admitir que temos a remota possibilidade de desejo de sangue alheio. O fato é que nada vai mudar em sua vida se você souber porque eu tentei me matar. Sabe o que seria engraçado? Se eu tivesse conseguido, você iria querer saber ainda mais o motivo. Mas não encontraria a resposta. E ficaria inventando mil coisas, mil motivos, apenas para se satisfazer. E você escolheria a única resposta que se encaixasse em sua falsa verdade.

— Você me ofende. Eu me importo com você. Por isso eu preciso saber. E aquele bilhete de despedida? O que foi aquilo?

— Foi apenas uma piada. Queria deixar minha morte mais engraçada.

— Uma piada? Uma piada? Meu Deus! Você quase morre e me vem com uma piada?

— Eu sei. Eu nunca consegui te fazer rir. Minhas piadas são péssimas. Na verdade, não é que as piadas sejam ruins. É a forma como se conta uma piada é que importa. Tem que se ter jeito pra a coisa. Saber o momento certo pra soltar uma tirada. Foi uma péssima ideia ter escolhido aquela piada para um suicídio. Não combinava com a ocasião.

A enfermeira entrou para trocar os curativos nos punhos de Alex. Renata manteve-se em silêncio, constringida. Alex continuou.

— Talvez eu tenha cortado os pulsos apenas para conhecer essa enfermeira. Qual é o seu nome?

A enfermeira não respondeu, mas Alex sabia a resposta.

Estava no crachá, que gritava para o mundo o nome dela.

— Acho que me enganei — Alex sorriu. — Talvez não tenha sido por isso. Mas que seria bonito seria. Contaríamos para os nossos filhos que você me curou. Que tratou de minhas feridas. Que eu passei a esperar mais da vida, apenas para retribuir todo o bem que você me fez. E nossos filhos cresceriam felizes com a história. Acreditariam nisso, porque eles iriam querer saber a história dos pais. Saber de onde viemos. O propósito de nossas vidas. Afinal, se nascemos do amor, não teríamos a chance de encontrá-lo também pelo caminho? Mas acho que me enganei, não é, Amanda? Ainda não chegou o nosso momento. Ainda não. Mas, quem sabe?

A enfermeira permaneceu séria o tempo todo, calada. Mas ao sair, ainda virou o pescoço por um segundo. E deu para perceber que ela abria um sorriso, enquanto voltava o rosto para a saída.

— Você é um imbecil! — Renata fechou a cara.

— Eu sei porque você está aqui — Alex desdenhou.

— Sabe? Então me diga. Já que você sabe de tudo, me diga, porque eu não sei porque ainda estou aqui.

— Não é por culpa. Você não se sente nem um pouco culpada por eu tentar me matar. Não é por pena. Você não liga e nunca ligou pra mim. Não é por curiosidade, apesar de você insistir em me fazer perguntas. Então, é apenas por vaidade.

— Vaidade? Você só pode estar brincando. Pode ser qualquer coisa, menos vaidade!

— O fato de você negar dessa forma já prova que é por vaidade.

— Isso não prova nada!

— Renata, não fique envergonhada por isso. No fim, tudo é vaidade. Quantas pessoas podem dizer que outra se matou por causa delas? Balançou o seu ego, não é? Pensar que eu cortei os pulsos por você... Que eu quis me matar só porque você me largou. Eu sei que é isso o que você quer ouvir. Por isso você está me perguntando com tanta insistência. Quer acreditar que eu morreria por você. Não é o que todo mundo pergunta para a pessoa amada? Se ela morreria para nos salvar? Quando assistimos Titanic, você me perguntou se eu te deixaria naquela tábua, flutuando, enquanto eu, romanticamente, morreria. E eu disse que aquela tábua podia sustentar a nós dois. Sim. Aquela maldita tábua podia salvar a nós dois! Mas você queria ouvir que sim, que eu deixaria você sozinha ali para salvá-la, enquanto eu me sacrificaria por você. Naquele dia, eu percebi que você não me amava... Porque você me disse que me deixaria sozinho na tábua, enquanto você morreria de frio, afundaria. Que coisa estúpida! Por que todo casal faz esse tipo de pergunta? Você morreria por mim? Se uma das partes diz que não, então, não é amor. Ah! Mas isso é tão errado. Amor não é isso. Amor é quando alguém vive por nós. Eu viveria por você! Se você me amasse mesmo, você viveria por mim também! Morrer é mais fácil. Muito mais fácil.

— Você é um idiota mesmo...

— No fundo, você queria que eu morresse. Se isso tivesse acontecido, você poderia dizer para cada novo homem em sua vida que se sentia traumatizada e que não poderia se envolver de novo por isso. Teria uma desculpa muito boa pra fazer o que você sempre fez. Você quer ser amada, mas não quer amar. Mal sabe o que está perdendo...

Renata agarrou a bolsa com fúria. Ao sair, ainda esbarrou em Amanda, que entrava com uma prancheta.

— Tenho péssimas notícias — a enfermeira disse, checando o prontuário de Alex. — Você não vai conseguir morrer tão cedo. Mas não desanime. Se você pedir pra sua namorada que saiu agora... Acho que ela parecia disposta a ajudar com isso.

— Você não quer saber por que tentei me matar?

— Você conhece a piada do louco suicida?

— Não...

— O louco se joga do quinto andar, mas não consegue se matar. Uma multidão se junta ao seu redor e uma pessoa pergunta para ele, “Por que você fez isso? O que aconteceu?” e o louco responde no chão: “Eu vou lá saber? Acabei de chegar”.

Alex achou a piada muito apropriada para a ocasião.

Quando conseguiu parar de rir, emendou a pergunta:

— Queria saber uma coisa... E se nós estivéssemos apaixonados um pelo outro e o navio da nossa viagem de lua de mel estivesse afundando? Se tivesse apenas mais um lugar no bote salva-vidas, o que você faria?

— Daria um jeito de entrarmos nós dois no bote.

— Mas se realmente não fosse possível entrar mais duas pessoas nesse bote. Só uma. Uma mesmo. O que você faria?

— Bem, eu te disse que daria um jeito, não é? Acho que empurraria alguém pra fora do bote, sabe como é, pra abrir espaço pra nós dois.

A enfermeira tinha as unhas pintadas de vermelho, mas, com isso, Alex não se importou nem um pouco...

## Sobre os autores

### CONTO JUVENIL

**Maíra de Oliveira Carvalho Batista:** Estudante do terceiro ano do ensino médio na cidade de Viçosa, Minas Gerais.

**Marcos Vinicius Soler Baldasi:** Natural de Paranacity, cidade localizada na região noroeste do estado do Paraná. Gosta de escrever aquilo que possa fazer com que os leitores reflitam. Seu gênero favorito é crônica.

**Milena Corrêa Pereira da Silva:** Estudante do curso Estudos de Mídia, da Universidade Federal Fluminense (UFF).

**Raquel Figueiredo Ribeiro:** Estudante do último ano do ensino médio.

### CONTO ADULTO

**André Telucazu Kondo:** Escritor, pós-graduado pela University of Sydney, viajou por mais de 60 países em busca de inspiração para a sua escrita. Foi finalista do Prêmio Jabuti com a obra *O pequeno samurai* (M. H. Prêmio João-de-Barro). Também é autor dos livros *Além do Horizonte*, *Amor sem Fronteiras* (Prêmio Paulo Mendes Campos – UBE-RJ), *Contos do Sol Nascente* (Prêmio Bunkyo, M. H. Prêmio Esfera das Letras, Prêmio ProAC), *Cem pequenas poesias do dia a dia* (Prêmio Unifor), *Palavras de Areia* (Prêmio Alejandro Cabassa – UBE-RJ, Prêmio Estímulo de Cultura), *Jabuti sabe voar?* (Prêmio Maria Osternach Pedroso), *Alguém viu minha mãe?* (Prêmio Cepe) e *Contos do Sol Renascente* (Prêmio Humberto de Campos – UBE-RJ). Recebeu uma Bolsa de Criação Literária do governo de São Paulo, para escrever uma obra poética baseada em sua peregrinação literária pelos Estados Unidos: *A peregrinação das folhas caídas*. É o atual vice-presidente da Academia Nipo-Brasileira de Escritores e membro correspondente da ATL e Ases – Bragança. Possui mais de duzentos prêmios literários. Site: <http://bit.ly/3WCB41V>

**José Prata:** Professor, graduado em Direito.



**Pedro Luiz Dias Galuchi:** Bacharel em Comunicação Social pela Faculdade Cásper Líbero e em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito de São Bernardo. Licenciado em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP) e em Pedagogia – Administração e Supervisão Escolar – pela Faculdade São Bernardo. Professor de Educação Física da Prefeitura Municipal de São Paulo e diretor escolar aposentado, do município de São Paulo. Membro da Academia Itanhaense de Letras – cadeira 18 (Monteiro Lobato). Publicações: Prosa - “À Independência, Entre Rios” (2008); “Vampiros... do outro lado do muro” (2010). Poesias - “Falando de amor e outras coisas mais” (2008); “Caminhos do Mar” (2012); “Cenas Urbanas” (2012); “Resistência” (2016); Coletânea “Folhas ao Vento” (2016); Antologia “Palavras ao Vento” - 20 anos da Acad. Itanhaense Letras - (2017 no prelo). Página literária: <http://bit.ly/3AlgJFT>

**Regina Ruth Rincon Caires:** Funcionária pública federal aposentada, natural de Auriflama/SP com 63 anos. Graduada em Letras e em Direito. Classificada em alguns concursos literários: Concurso Literário de Jales/SP-1991; Concurso de Contos Cidade de Araçatuba/SP-1995, 2011, 2013; Concurso de Contos de Ponta Grossa/PR-2014; Prêmio Literário Cataratas (Foz do Iguaçu/PR)-2014; Prêmio Alípio Mendes (Angra dos Reis/RJ)-2015; Prêmio Professor Mário Clímaco-Alepon (Ponte Nova/MG)-2015; Prêmio Alivat-Academia Literária Vale do Taquari (Lajeado/RS)-2015; Concurso de Contos Cidade de Lins/SP-2015; Pérolas da Literatura (Guarujá-SP)-2015-2016; Prêmio SFX de Literatura 2016 (São José dos Campos/SP), Prêmio Escriba 2016 (1º lugar).

## POEMA JUVENIL

**Gabriela Helena de Oliveira Borges:** Natural de Franca, São Paulo, cursa o segundo ano do ensino médio. Esta é a primeira publicação de poesias, mas já possui no repertório o livro infantil *Draco e Zé chuvisco* escrito em parceria com o pai e os dois irmãos e tem em andamento um projeto conjunto de tradução para o inglês de poemas, que serão publicados na revista on-line *Alchemy* da Universidade da Califórnia em San Diego (UCSD).

**Maíra de Oliveira Carvalho Batista:** Estudante do terceiro ano do ensino médio na cidade de Viçosa, Minas Gerais.

**Nínive Elisabete Ferreira dos Santos:** Graduanda em Biblioteconomia na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), em Marília. Poeta de gaveta, usa uma escrita romântica, introspectiva e anafórica. Futura bibliotecônoma e arquivista. Aspirante de tantos outros futuros diversificados, pena que para tanta coisa haja pouco tempo.

## POEMA ADULTO

**Alexandre Morais Paulino:** Bacharel em Ciências da Computação pelas Faculdades Associadas de São Paulo (Fasp). Licenciado em Letras: Português, Inglês e suas respectivas literaturas pela Faculdade Eça de Queirós (Faceq). Trabalha como professor eventual em escolas públicas da rede estadual de São Paulo e atua como *freelancer* na área de informática. Outras obras: *Antologia Favo de Mel 2015* (Organizador: Marcos Torquato Ramalho, Editora Jangada, São Paulo, 2015, Poema: “Há trinta dias” e a Crônica: “A caixa”). Blog: paulinoalexandreletraseverbos.blogspot.com.br.

**André Telucazu Kondo:** Escritor, pós-graduado pela University of Sydney, viajou por mais de 60 países em busca de inspiração para a sua escrita. Foi finalista do Prêmio Jabuti com a obra *O pequeno samurai* (M. H. Prêmio João-de-Barro). É autor dos livros *Além do Horizonte, Amor sem Fronteiras* (Prêmio Paulo Mendes Campos – UBE-RJ), *Contos do Sol Nascente* (Prêmio Bunkyo, M. H. Prêmio Esfera das Letras, Prêmio ProAC), *Cem pequenas poesias do dia a dia* (Prêmio Unifor), *Palavras de Areia* (Prêmio Alejandro Cabassa – UBE-RJ, Prêmio Estímulo de Cultura), *Jabuti sabe voar?* (Prêmio Maria Osternach Pedroso), *Alguém viu minha mãe?* (Prêmio Cepe) e *Contos do Sol Renascente* (Prêmio Humberto de Campos – UBE-RJ). Recebeu uma Bolsa de Criação Literária do governo de São Paulo, para escrever uma obra poética baseada em sua peregrinação literária pelos Estados Unidos: *A peregrinação das folhas caídas*. É o atual vice-presidente da Academia Nipo-Brasileira de Escritores e membro correspondente da ATL e Ases – Bragança. Possui mais de duzentos prêmios literários. Site: <http://bit.ly/3WCB41V>

**Dora Oliveira:** Mineira de Ipatinga, é autora do romance *No canto escuro do coração* (impresso) e *O desabrochar da poesia* (poesias – e-book). Publicou contos, crônicas e poesias em várias antologias: Crônica Astra;

Contos e Poesias de Ipatinga; Contos Luís Jardim, Recife/PE; Poesias da Universidade Federal de São João Del-Rei; Contos da Academia de Letras de Niterói; “Poesias” vols. 3 e 5, de Valdeck A. de Jesus; Contos Vols. 1 e 2 da Gráfica Belacop; Antologia Clipp, de Presidente Prudente/SP; 3º Concurso de Contos de Santo Ângelo/RS e “Poesia no ônibus de Balneário Camboriú/SC”. Obteve destaque em concursos literários, como: Crônica Ziraldo – Ribeirão Preto/SP; Concurso de Contos de Barretos/SP; 1º lugar, em crônica, no XXXIV Concurso Felipe D’Oliveira, Santa Maria/RS, 2011; 1º lugar e “Menção Honrosa” no 16º Concurso de Contos Mansueto Bernardi-2012, Veranópolis/RS; 1º lugar no Concurso de Contos de Lins/SP, 2012; Concurso “Poemas no ônibus” – Santa Rosa/RS, 2014; 3º lugar no Concurso Lilla Ripoll de Poesias, Porto Alegre/RS, 2014; IV Antologia Amlac, Vinhedo/SP; Poesias de Marataízes, 2015; 1º lugar, no Concurso de Contos Jorge Andrade de Barretos/SP, 2015 e 1º lugar no Concurso Rubem Alves, em crônica, promovido pela Fundação Feira do Livro de Ribeirão Preto/SP, 2015.

**Edih Longo:** Linguista, professora de português e escritora. Formada pela USP, tem também formação teatral, fazendo parte do Grupo “Arte in Cena” do Clube Paineiras do Morumbi. Aposentada, dedica-se atualmente apenas a escrever e atuar amadoristicamente. Já recebeu alguns prêmios como contista, poeta, dramaturga, tendo, recentemente, sido agraciada com três primeiros lugares nestas modalidades pela União Brasileira de Escritores (UBE-RJ).

**Eliana Ruiz Jimenez:** Natural de São Paulo, capital, e residente em Balneário Camboriú/SC. Graduada em Letras e em Direito. Ligada a entidades de proteção ao meio ambiente. Membro da Academia de Letras de Balneário Camboriú (ALBC) e da União Brasileira dos Trovadores (UBT). Escreve crônicas, contos, poemas livres, trovas, haicais e literatura infantil e infantojuvenil. Autora dos livros: *A tropa do ambiente em: A internet do futuro*, *HAHAHA não tem graça* e *O ambientalista – uma aventura mística em Balneário Camboriú*. Coordenou o concurso literário internacional *Poesia no ônibus de Balneário Camboriú*. Possui uma centena de trabalhos premiados em concursos literários.

**Lena Payaras:** Natural de uma pequena cidade do interior de São Paulo e herdou de seu povo a essência matuta, observadora e contadora de causos.

Graduada em Pedagogia, atua como professora, escritora e revisora de textos; exerce a atividade da escrita através da criação e adaptação de textos literários para peças teatrais, contos, poemas e ficção infantojuvenil.

**Milton Carlos De Oliveira Rezer:** Natural de Santa Maria-RS. Bacharel em Direito pela Universidade Ritter dos Reis e militar da ativa da Força Aérea Brasileira. Tem como *hobby* escrever poemas e letras regionais gaúchas, não tendo publicado trabalhos anteriores. O Concurso Flor de Ipê é sua primeira participação em eventos dessa natureza. Seus poemas retratam essencialmente o amor entre as pessoas, a natureza e a família.

**Pedro Henrique Corrêa Guimarães:** Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduado em Direito pela mesma instituição. Professor universitário e advogado. No campo literário esta é sua primeira publicação. Tem afinidade com a poesia concreta e neocreta, além de prezar muito a literatura barroca.

**Roque Aloísio Weschenfelder:** Graduado em Letras Português-Inglês e respectivas Literaturas. Professor aposentado, atualmente ainda trabalha como revisor de textos e apoio a escritores para publicação de livros. Multipremiado em concursos literários, integra cerca de 130 antologias literárias e textuais. Publicou 8 livros impressos e disponibiliza 3 ePubs na Saraiva, além de ter uma de suas obras na editora Biblioteca24horas, uma na editora PerSê, e duas obras no Clube de Autores em formato para impressão e para e-book. Escreve poesia e prosa – contos e crônicas, além de literatura infantil e material de orientação para escritores e estudantes, para estes, acerca das técnicas de dissertação. Já auxiliou a diversos escritores no Brasil e no exterior a publicarem suas obras através de seus préstimos como Profissional do Livro. Publica nos sites *Recanto das Letras* e *Gosto de Ler*, além de oferecer seus préstimos no site *Profissionais do Livro*.











## *Vento de Primavera*

Milton Carlos de Oliveira Rezer

Perdoa-me a confusão. Eu não devia.  
Vi luz, vi esperança...  
- Fantasia.  
Vi em ti alguém que já não é, que não existe.  
Nesse delírio, colhi melancolia.  
Agora entendo o riso fugidio entre as palavras.  
Sem mágoas,  
eu peço que esqueças palavras,  
olhares,  
sonhos,  
a espera,  
os momentos...

O tempo que se foi, foi como o vento.  
Vento de Primavera  
que sopra para lugar incerto.  
Esquece o artepjo, a "perspectiva";  
vá expectativa - que sumiu  
qual orvalho ao sol.  
Esquece a carta,  
cartão, os beijos,  
o desejo, os fatos,  
a foto,  
os "passos"  
e os abraços  
que foram tão meus.

Esquece os telefonemas e guarda este poema de Adens!



Fe

Lena Payaras

fui queimada tantas vezes  
que a fogueira se instalou em mim  
há tanto que não ouço o canto da sereta  
não ouço as vozes do espelho  
deixei as fantasias no rio Dee

desconho da virtude dos três Augustus  
da magia dos três reis, da espada de Ulisses  
desconho das sandálias de Perseu  
e que os sílhos sopraram garoê

estão vivos em mim  
o subsolo vulcânico,  
os relâmpagos e os dragões  
as salamandras nas entranhas  
não me permitem aquietar

ainda resta fé:  
na altivez da dor,  
na maledicência dos asuras,  
na excrescência do fauno  
e na proteção da morte.



Recompus o tecido resiliente da minha retina  
farta de fatos fétidos feitos para ver:  
No restolho do olho molho minha lente  
cristalina e fito minha filosofia de dever:  
No arco da íris, ir com um barco parco  
pois toda travessia trava o entrave de ser.  
No descomeço do verbo tudo era mudo  
mudo o mundo, muda.  
Da janela, da tela, da cela rela a luz  
de um cão andaluz.  
Sendo Surreal, sou mais real.  
Fus sentimento nas pedras perdidas dos pináculos  
esculpindo no escuro há muito esquecido  
dando forma as forças formosas.  
Do Acaso.  
E no caso deste caso de casca de casulo  
a vida mais viva,  
renasce na paisagem, nas paragens, nas miragens  
nas novas imagens do existir.

*Os vis da visão*

*Pedro Henrique Corrêa Guimarães*

É salvo por um anjo de sorriso aberto  
com dentes de janelinhas.  
Esconde as cartas de adeus  
e fecha a porta do desespero.

Ainda ostenta a ideia fixa  
nas paredes da mente angustiada.  
Espia o mundo por entre  
os dedos tesos da tristeza.  
Melancolia crônica não provoca  
infarto fulminante.

Enfim...!

Haverá de envelhecer  
em lamentos intermitentes  
e morrer de falência múltipla  
dos elos com a vida.

# Melancolia Grenica

Dora Oliveira

Desde a mocidade  
consume-se em tormentos...  
Carrega nas faces soturnas,  
as misérrimas humanas,  
Em profunda agonia  
prepara o ritual macabro  
para abreviar a maldita sina.  
A carta de adeus sobre o leito,  
a rigidez do braço erguido  
e a marchinha de carnaval na rua  
desvia o ouvido da arma.  
Segue a folia e se esconde da bala  
entre as belas pernas da porta-bandeira.  
O amor cadencia, abre caminhos...  
Todo ano sacrifica um carrasco  
que habita em seu peito de morte.  
Com as cordas arrasta os sonhos  
e as urgências dos dias insanos.  
No impulso do golpe sangrento,  
a rosa vermelha a desabrochar  
desvia o olhar do sinistro.  
Poda os desencantos com o punhal  
e vê um novo amor florir.  
Outra noite tenebrosa!  
No momento do salto, recua.





Meu olhar taciturno,  
cabisbaixo,  
só vê os pés  
no passar da multidão.  
Calcanhares vão expondo,  
sem recato,  
a lida dura de cada cidadão.  
Nas rotas chinelas  
encardidas,  
coloridas  
com restos de ilusão,  
caminham sonhos  
aos quais a vida  
disse não.

*Calcanhares*

*Eliana Ruiz Jimenez*



Um prato cheio de minúcias,  
bolsa repleta de fragrâncias,  
mente transbordante de lembranças  
de tantas e diversas andanças.  
Pelas vielas da suburbie,  
retornam da escola as crianças.  
Estudaram a química das quimeras,  
entediaram com as adultas cobranças.  
Um saco cheio de ossos,  
restos de exumados corpos.  
Foram tantas as térias andanças,  
perderam suas almas os endereços.  
Pelos ares de enfeitados altares  
ecoam eburneas melodias.  
Pianos ainda mozarतीयam a vida  
e beethovam em surdos ouvidos.  
Uma triste monótona dança  
nos dedos uma áurea lembrança.  
Agora, só as moléculas copulam  
com sonhos de perpetuar a vida.  
Na calma agonia do nada,  
renasce uma bruxa de antiga fada,  
desperta um oásis num vasto deserto  
e um buraco negro é o destino.

*Destine*

*Roque Aloisio Weschenfelder*

Nem  
amor  
num sonhar,  
dia  
distante  
num  
que  
até  
Destinos não há, apenas correm.  
Indústrias nos pulmões das cidades cospem,  
Jogam, derramam no horizonte seus detritos

# Charnices

Alexandre Morais Paulino

Por entre frestas  
Entre que abertas  
Da minha cartuagem  
Feita de metal vislumbro  
Charnices fabris e suas fuligens  
Enevam o horizonte, soltam suas fumaças  
que  
se  
misturam  
ao  
sussurrar  
vento  
do  
casais

Viajo por entre as frestas  
Por todas elas entre abertas  
Correm, fogueira de cartuagens  
Estes viajantes, andantes, correm  
Sem importar-se com os resíduos fumegantes  
Que voam pelo horizonte, sombreiam com suas  
fumaças  
o  
esplendor  
do  
poente

Frestas abertas,  
Incertas sem ofertas  
De que possamos correr,  
Guiando cartuagens de metal  
Fabris tosseem através de chaminés gigantes  
casais  
dos  
sonhar  
o  
pardais,  
dos  
voar  
o  
afetam

Que atordoam o horizonte, que enevoam o ar,  
Frestas quase abertas  
Obtusas visões de um nada.  
Correm cartuagens em viagens,

fora - homens ou aves admirados  
dentro - os sentidos estão amíde  
tornando-os animais migrantes a voar.

Olhos de mar líquidos, úmidos  
 desilusões, sonhos interrompidos  
 fora - o barulho, o zunido  
 dentro - a dor, o sabor acre e pútrido  
 descendo goela adentro a rasgar.

Olhos mirantes de lugar  
 aquosos e silenciosos  
 vagando na visão do desconhecido  
 fora - luzes de néon loucas e errantes  
 dentro - o peito bate coração ansioso  
 desengonçada bateria a sambar.

Olhos questionáveis a sondar  
 interrogativos e lacrimosos  
 pulando nos galhos como símios  
 fora - pipocas e crianças saudáveis  
 dentro - quem pipocam são os lípidios  
 que entopem a aorta a sangrar.

Olhos brilhantes d'água a chorar  
 lamentando por deixar no solo da África  
 a única riqueza que sabem ter: o voo livre  
 fora - a liberdade é falsa como uma sátira  
 dentro - suas raízes são os pés a correr  
 terras estranhas que os aceitam sem agregar.

Olhos molhados de luar  
 saltitantes e fugazes  
 redondinhos como bola de gude





*A falta de um poema*  
André Telucazu Kondo

Não me importo mais com as coisas que morrem  
O sol que se põe, a voz que se cala  
A lápide ao luar

Havia muita noite em teus olhos  
A tua flor era de inverno  
E teus dedos acariciavam outonos

Minhas estações dormiam em teu colo  
E o tempo parecia apenas um joguete  
Mero passatempo de verão

A umidade em teus lábios  
Era o silêncio que balançava o insone berço  
Enquanto você tecia rados

Não encontro tua mão para preencher a minha  
Olho para as lacunas que não se completam  
E as nuvens desenhavam o nada

Dói não poder escrever o poema  
Que tu me pediste antes  
Deste depois que não termina

O que resta são estas palavras empilhadas  
Que apenas servem para preencher  
O vazio da inútil página  
E nada mais.

Tudo o que quero  
É acreditar.  
Acreditar naquela luz,  
Fraca e inabalável.  
A qual persegue meus pensamentos  
E ilumina a escuridão  
Posta em meu ser.  
Mas como pequena luz  
Clareia minha vida?  
Assim como a menor escuridão  
Contrasta com o maior claro.  
A minha menor luz  
Incendia qualquer coração.  
E não há fraqueza,  
Não há desilusão  
Que possa me tirar  
Essa certeza que nasce  
No calor do peito.

O que se pode fazer,  
 O que se pode dizer,  
 Quando tudo  
 Não parece o bastante?  
 Quando o seu esforço parece em vão?  
 Tudo e todos  
 Parecem só mais um borrão.  
 Como continuar,  
 Como lutar,  
 Quando você só quer chorar?  
 Como admitir,  
 Com a certeza que se tem,  
 Que você não é boa o bastante?  
 As coisas vão e vêm.  
 As pessoas,  
 Vão e vêm.  
 E por cada uma delas,  
 Há uma cicatriz em meu coração.  
 E como saber se foram reais,  
 Se as sensações se misturam  
 E se confundem?  
 Entre o céu e a terra,  
 Não há mais do que incertezas  
 E dúvidas.  
 Não há mais do que sussurros vagos  
 No desespero proclamados,  
 Medos insanos perseguidos  
 Por sonhos formados.

Gabriela Helena de Oliveira Borges

*A grandeza da pequena*



*Fire-nova*

*Matra de Oliveira Carvalho Batista*

A garota é ser frágil,  
Cresce entre flores,  
Conhece amores.

Não vive dores,  
Chora horrores,  
Diante de tantas cores,  
Em uma noite de temores,  
Onde há sonhos e cantores.

São todos apostadores.  
Grandes jogadores,  
Descobrimo valores,

Fingindo ser atores,  
Exímios pensadores.  
Na vida, todos velejadores,  
Buscando o título de conquistadores.

Pois todos podem ganhar,

Se estão sempre a buscar,

Danças sob o luar.

Na festa ou no lar,

Todos sabem comemorar,

Almejando melhoras,

No ano que está para chegar,

Trazendo amor para ficar.

Mesmo que a tristeza possa estar,

Há sempre uma hora de parar.

E no bolso colocar,

Toda desavença selada para guardar.



Tem poemas que ficam ruins  
 tem os poemas bons  
 tem poemas poderosos  
 tem poemas desastrosos  
 tem poemas puros  
 tem poemas e tantas coisas  
 tem a tosse constante  
 tem o frio congelante tem ela  
 tem ele tem nós  
 tem eu sem mim  
 tem músicas  
 tem quadros  
 tem petrificados dedos  
 tem um tempo programado  
 tem um programa chato para hoje  
 tem filmes que repito nos dias tristes  
 tem dias que sufocam meus sonhos vazios  
 tem pés  
 tem passos tem passagens  
 tem de tudo um pouco  
 tem um pouco de tudo  
 ponto.

*Níve Elisabete Ferreira dos Santos*

*Nota, anota e que tem*





Qeios



# Sumário

## Poemas

|                              |    |
|------------------------------|----|
| Nota, anota o que tem        | 7  |
| Ano-novo                     | 9  |
| A grandeza da pequenez       | 11 |
| A falta de um poema          | 13 |
| Aves Migrantes da Mãe África | 15 |
| Chaminés                     | 17 |
| Destino                      | 19 |
| Calcanhares                  | 21 |
| Melancolia Crônica           | 23 |
| O vis da visão               | 25 |
| Fê                           | 27 |
| Vento de Primavera           | 29 |

Milton Carlos de Oliveira Rezer

Lena Payaras

Pedro Henrique Corrêa Guimarães

Dora Oliveira

Eliana Ruiz Jimenez

Roque Aloisio Wescchenfelder

Alexandre Morais Paulino

Edith Longo

André Telucazu Kondo

Gabriela Helena de Oliveira Borges

Matra de Oliveira Carvalho Batista

Nívele Elisabete Ferreira dos Santos





Ulisses Rocha Filho  
Maria José dos Santos  
(Orgs.)

Prêmio  
Flor do Ipê